



UFRJ - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CFCH - CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS.
IP - INSTITUTO DE PSICOLOGIA.
PROGRAMA EICOS – ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DE
COMUNIDADES E ECOLOGIA SOCIAL.

“O SUJEITO OCULTO DA FLORESTA ENCANTADA DA TIJUCA.”

KARLA CELINA ALMEIDA PEREIRA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Estudos Interdisciplinares de Comunidades de Ecologia Social (EICOS), Instituto de Psicologia, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de mestre em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Marta de Azevedo Irving

Co-orientadora: Prof^ª Dr^ª. Rosa Pedro.

Rio de Janeiro
Setembro de 2005

“O SUJEITO OCULTO DA FLORESTA ENCANTADA DA TIJUCA.”

KARLA CELINA ALMEIDA PEREIRA

Orientadores(a): Prof^ª Dr^ª Marta de Azevedo Irving

Prof^ª Dr^ª Rosa Maria Leite Ribeiro Pedro.

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, Programa EICOS, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de mestre em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social.

Aprovada por:

Presidente: Prof^ª. Dr^ª Marta de Azevedo Irving.

(Dra. em Oceanografia – USP/ EICOS - UFRJ)

Prof^ª. Dr^ª. Rosane Manhães Prado.

(Dra. em Antropologia Social –PPGAS/ Museu Nacional /UFRJ)

Prof^ª Dr^ª. Rosa Maria Leite Ribeiro Pedro.

(Dra. em Comunicação ECO-UFRJ / EICOS - UFRJ)

Rio de Janeiro
Setembro de 2005

PEREIRA, Karla Celina Almeida.

“O Sujeito Oculto da Floresta Encantada da Tijuca.”. Karla Celina Almeida Pereira.
Rio de Janeiro, 2005, p.71.

Dissertação (Mestrado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia
UFRJ, IP, Programa de Pós Graduação em Estudos Interdisciplinares de Comunidades e
Ecologia Social (EICOS)2005.

Orientador (a): Prof^a Marta de Azevedo Irving

Co-Orientador: Prof^a Rosa Maria Leite Ribeiro Pedro

Dedicatória,

Para minha mãe, uma mulher singular que sempre acreditou na educação como um valor e não como uma mercadoria, a quem eu devo a minha melhor parte enquanto ser-humano, a minha admiração e gratidão por todos os dias em que você me disse: “estude, minha filha”.

Ao João Guilherme, meu afilhado e sobrinho, por ter trazido novos significados a minha vida.

Agradecimentos,

A Adri, minha querida irmã, pelas palavras certas quando o fôlego me falta, pelos laços de sangue, amor e amizade, que nem o tempo e a distância serão capazes de silenciar.

A minha irmã Vinha, pela formatação, dicas e ajuda para a realização deste trabalho e, principalmente, por ser uma fonte de inspiração para o estudo, por ter me acompanhado nessa trajetória do berço à impressão final, por nunca ter um não como resposta e sua resposta ser quase sempre “está bom, kaká”.

Ao Naborabner, por ter me mostrado os limites do Parque Nacional da Tijuca, pelas idas e vindas na “Floresta Encantada”, por ser o meu melhor amigo e o meu amor !

À Prof^a Marta Irving, pela orientação e por ter acreditado neste trabalho quando ele ainda era apenas uma idéia.

À Prof^a Rosa Pedro, pela leveza de espírito e densidade teórica de suas aulas, pelos textos e livros que trouxeram Zigman Bauman a este trabalho e, principalmente, pelos laços de solidariedade que se constituíram ao longo desses dois anos.

À Professora Rosane Prado, por seu olhar antropológico, pelas observações e críticas na banca de qualificação, que contribuíram para a evolução dessa pesquisa.

A todos os professores e funcionários do Programa EICOS que estiveram presentes nessa jornada.

Aos funcionários do Parque Nacional da Tijuca, especialmente, André Amador, Cissa, Denise Alves, Paulo Gentil e Sônia Peixoto, por terem aberto as portas do Parque Nacional, um “espaço” de visitaçã, lazer e amigos.

Aos colegas e amigos que se formaram nas salas do EICOS.

Márcio Ranauro e Cláudia Fragelli, pela amizade e livros emprestados.

À Carmem, pelo bom humor e incentivo, pela amizade e carinho, por me mostrar que o mestrado não é um fim em si mesmo, mas uma possibilidade de novos vãos.

À Karla Matos, a ética em pessoa, pela solidariedade, por priorizar as amizades acima de tudo, e por “*chopps*” quase sempre terapêuticos.

À Cecília, múltipla e única ao mesmo tempo, o meu agradecimento especial, por ter me emprestado a sua porção guerreira nos momentos mais difíceis deste processo, certamente, você foi imprescindível para a conclusão desse projeto.

As minhas mais novas amigas, Maria Alice, Neyla, Mônica e Laila por terem me apoiado nesta etapa final.

Marina, pela atenção e revisão ortográfica.

Às queridas amigas de outros carnavais, Andréia, Du e Fernandinha, por estarem presentes em minha vida, independentemente da distância e incentivarem a construção desse estudo.

“Aos de casa”

Ao José Ataíde, pela paciência e solidariedade nos dias mais difíceis.

Ao Pai do João, Cristiano, por compreender as minhas ausências e pelo apoio nesse trabalho.

A tia Ivani, Nazaré, tia Norilda e Sarita, pela torcida! (em ordem alfabética).

E Por fim, agradeço acima de tudo, a Deus e a Nossa Senhora, a minha metade espírita a São Jorge, Irmão Carlos, Irmã Celina, Maria do Carmo e Joaquim Brás e a minha outra metade a todos os Santos e Anjos da Santa Igreja Católica.

A todos vocês o meu muito obrigada!

RESUMO

PEREIRA, Karla Celina Almeida. “**O Sujeito Oculto da Floresta Encantada da Tijuca**”. Rio De Janeiro, 2005. Dissertação (Mestrado em Psicossociologia) – Programa de Pós Graduação em Estudos Interdisciplinares de Comunidades de Ecologia Social (EICOS), Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

Este trabalho objetiva investigar e analisar o perfil, as motivações, desejos e frustrações dos turistas e visitantes do Parque Nacional da Tijuca, “sujeito contemporâneo” a procura de uma natureza “intocada”, “selvagem” em seu estado de “preservação permanente”. Além disso, o estudo busca compreender a importância do “olhar do turista” como um elemento significativo para o planejamento turístico em Parques Nacionais. Utiliza-se para tal, uma metodologia descritiva na modalidade de um “Estudo de Caso”. Espera-se como resultados obtidos por essa pesquisa, contribuir com subsídios e estratégias que colaborem com o desenho de programas turísticos em Parques Nacionais, a partir da compreensão do turista, principal responsável pelo fluxo do fenômeno turístico.

ABSTRACT

The present work intends to investigate and analyze the profile, motivations, wishes and frustrations of tourists and visitors of “Tijuca National Park”, contemporary individuals as they are, in search of “untouched and preserved” nature. Besides, this study also wishes to learn about and interpret the importance of tourist perspective, in order to contribute with tourism planning on National Parks. A “Case Study” descriptive methodology has been selected for this purpose. It is expected that dissertation results can collaborate, through tourist perception, with strategic Tourism Planning on National Parks, since the Tourist is the main actor of the tourism phenomenon.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES – FIGURAS E TABELAS

FIGURAS:

- Figura 1- Distribuição das Unidades de Conservação no Território Nacional..... Pág.20
- Figura 2- Distribuição dos Parques Nacionais no Território Federal.....Pág.22
- Figura 3- Mapa do Parque Nacional da Tijuca.....Pág.27

TABELAS:

- Tabela 1- Divulgação do Parque.....50
- Tabela 2 – Informações que gostariam de receber sobre o Parque..... 52
- Tabela 3 – Visitação a outros Parques Nacionais..... 52
- Tabela 4 – Visitação a outros pontos e atrativos turísticos no Rio de Janeiro.....53
- Tabela 5 – Outras atividades de lazer no tempo livre fora do Parque.....55
- Tabela 6 – Motivações e expectativas dos turistas e visitantes.....55
- Tabela 7 – Pontos positivos identificados no PNT..... 58
- Tabela 8 – Pontos negativos identificados no PNT.....60
- Tabela 9 – Sugestões de melhoria para o Parque.....61

I. APRESENTAÇÃO

Todos os anos, turistas de diferentes origens escolhem e visitam Parques Nacionais como opção de lazer, descoberta e contato com a natureza. Vem e vão, em centenas, milhares por todos os continentes, sem que se saiba exatamente quem são. Permanecem como “**sujeitos ocultos**”¹, rostos sem nome, gostos desconhecidos, motivações e sonhos secretos. Mas o que motiva esse turista a buscar e conhecer um espaço protegido como escolha? Por que dedica seu tempo livre (escasso) à descoberta desses espaços? Quais são as suas expectativas e frustrações? Quem é esse sujeito oculto, personagem central para o planejamento turístico em áreas protegidas? Como envolvê-lo no compromisso de conservação ambiental? São essas as questões inspiradoras deste estudo.

Nesta perspectiva, para contribuir com algumas respostas a estas questões, foi selecionado para interpretação, “o olhar do turista”, face ao “olhar do habitante” do Rio de Janeiro, que também privilegia o Parque em suas escolhas de lazer e compõe a paisagem humana da “Floresta Encantada da Tijuca”.

Desta forma, este estudo está estruturado em cinco capítulos, apresentados da seguinte maneira:

¹ “Sujeito Oculto”, termo utilizado nesse estudo, foi proposto por PACHECO e IRVING (2005) em artigo publicado sobre o papel do turista como principal agente para a “sustentabilidade turística”.

O primeiro capítulo dedica-se a contextualizar um panorama sobre dois aspectos: Os “turistas”, sujeitos de uma sociedade contemporânea que são atraídos por espaços relativamente preservados como uma possibilidade de reaproximação ao “paraíso perdido” e, um panorama dos Parques Nacionais no Brasil correlacionando-os ao universo do turismo.

O segundo capítulo “**O Parque Nacional da Tijuca: Uma Perspectiva Global**”, destina-se a apresentar o Parque como uma área protegida legalmente, pela significação do seu patrimônio natural e cultural considerando-o como um dos principais pontos turísticos e espaço privilegiado de lazer e entretenimento da cidade do Rio de Janeiro.

O terceiro capítulo, “**Contextualização Metodológica da Pesquisa**”, descreve a metodologia deste estudo onde são apresentados às etapas do trabalho, os critérios selecionados para a sistematização e análise dos dados, os temas selecionados para a interpretação e as observações gerais que nortearam a pesquisa de campo.

O quarto capítulo, “**Revelando O Sujeito Oculto da Floresta Tijuca**”, apresenta os resultados de pesquisa, a partir de uma análise qualitativa² dos questionários aplicados aos turistas e visitantes do “Parque Nacional da Tijuca”, com inserções de trechos ilustrativos destes questionários, buscando discutir o perfil dos entrevistados,

² A pesquisa qualitativa dessas variáveis é um grande desafio para o processo de inclusão do turista como um dos elementos centrais do planejamento turístico, visto que a maioria das informações e pesquisas nesse setor possuem um caráter quantitativo e “apenas as estatísticas disponíveis, formuladas a partir de informações de caráter sócio-econômico não parecem suficientes como subsídios aplicáveis a ações dirigidas por uma perspectiva de sustentabilidade” (PACHECO e IRVING, 2005)

suas motivações, expectativas e frustrações com relação à visita ao Parque, bem como, suas opiniões e sugestões para o Parque.

Por fim, o quinto capítulo, “**Considerações Finais**”, apresenta as conclusões e recomendações resultantes desta pesquisa, uma tentativa de contribuir e se constituir o primeiro passo para integrar o “olhar” dos turistas e dos visitantes ao planejamento turístico de Parques Nacionais.

I.1 O TURISTA E OS NOVOS OLHARES CONTEMPORÂNEOS

“O eixo da estratégia de vida pós-moderna não é fazer a identidade deter-se – mas evitar que se fixe” BAUMAN.

Para contextualizar esse trabalho, é necessário conferir um sentido teórico à sociedade pós-moderna ocidental, relacionando-a às práticas sociais dos indivíduos na contemporaneidade. Segundo SANTOS (1986), para compreender a atualidade, é necessário considerar o tempo e o espaço, categorias centrais para o homem no presente. Para o autor, “... o que se acha diante de nós é o agora e o aqui, a atualidade em sua dupla dimensão espacial e temporal”. (SANTOS, *op cit*, p.10).

Enquanto os homens modernos viveram em sociedades com tempo-espaço com estrutura rígida, sólida e durável, vive-se hoje na contemporaneidade, segundo Bauman (1998), uma “*destemporalização do espaço social*”. Na sociedade industrial, todo o processo de desenvolvimento exigia a especialização dos cargos e da produção e uma divisão clara do “espaço” e do “tempo” era evidente. Era a sociedade do tipo “*quanto maior, melhor*”, “*tamanho é poder, volume é sucesso*” (...), “*a época das máquinas pesadas, dos muros das fábricas cada vez mais longos, guardando fábricas cada vez maiores*” (BAUMAN, 1998, p.132). Neste contexto, era preciso “demarcar territórios”, estabelecer fronteiras através de conquistas:

“A modernidade pesada foi à era da conquista territorial. A riqueza e o poder estavam firmemente enraizados ou depositados dentro da terra – volumosos, fortes e inamovíveis como os leitos de minério e carvão (...) A aventura e a felicidade, a riqueza e o poder eram conceitos geográficos ou propriedades territoriais – atados a seus lugares, inamovíveis e intransferíveis” (BAUMAN, 1998, p.132-133).

O paraíso moderno era um lugar seguro, e a idéia de espaços “em branco” não era suportável, pois de acordo com BAUMAN (1998, p. 133), nesta sociedade, “a natureza não tolerava o vazio”. Ir era preciso, para poder voltar com conquistas e assim ser, em sua volta, aclamado. Territórios distantes e lugares não explorados eram desafios a serem “cartografados”, demarcados e, se possível, apropriados, através da colonização destes espaços distantes. As riquezas cresceram expandindo o lugar de partida, incorporando aos mesmos outros lugares. “O espaço vazio era um desafio à ação e uma censura à preguiça”. Na sociedade dita “moderna”, progredir significava “conquistar” e “expandir territórios”.

Neste contexto de conquista e expansão, a idéia de trabalho e lazer³ subdividiu-se de acordo com a construção destes novos espaços. Para os cidadãos urbano-industriais, o território de convivência social era claramente dividido e existia uma relação associando “campo” ao lazer e “cidades” ao trabalho. Até mesmo dentro das cidades, poderia se dizer que se produziram “zonas apropriadas” para o trabalho e para o lazer de forma diferenciada. “A cidade também se especializa: desenvolve-se a zona industrial, local onde se produz; os bairros residenciais, onde se descansa; os bairros comerciais, onde se fazem as compras; as zonas de lazer, lugar de diversão...” (MASI, 2000:61). Territórios, portanto fixos, tanto para a divisão do trabalho, para o lar e para as conquistas, quanto para a convivência social.

³ Segundo DUMAZIDIER (1979), lazer é conceituado como: “um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou, ainda, para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora, após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais.” (DUMAZIDIER, J. ,1979, p.34)

A dimensão temporal, por sua vez, tinha que ser “rotinizada” e com uma “lógica homogênea” na sociedade moderna (BAUMAN, 1998, p. 134). Embora durante a conquista de novos espaços, o tempo fosse flexível (quem sabia quando voltariam às caravelas e embarcações destinadas aos desbravamentos?) era no tempo ordenado que as coisas mantinham sua ordem e as hierarquias, seus valores. O tempo deveria, portanto, ser “amansado”, “controlado”, “uniformizado” e “coordenado”:

“Era maravilhoso e excitante alcançar as nascentes do Nilo antes que outros exploradores as alcançassem, mas um trem adiantado ou peças de automóveis que chegassem à linha de montagem antes das outras eram os pesadelos mais assustadores da modernidade pesada” (BAUMAN, 1998, p.134).

No período industrial, o tempo era pensado em função das jornadas de trabalho. Essas, inicialmente, giravam em torno de 15 horas por dia, todos os dias da semana, todos os meses do ano em um trabalho repetitivo e monótono. Posteriormente, com a jornada diária de oito horas, o descanso semanal, as férias e a aposentadoria, os indivíduos passaram a dispor de “tempo livre”, em torno de 32 a 35 horas semanais.⁴ Ainda de forma rígida, o tempo começa a dividir-se entre lazer e trabalho.

Na passagem da modernidade à contemporaneidade, os muros rígidos que separavam espaços e os cronômetros que demarcavam a divisão fixa do tempo entram em dissolução. *“Quando as distâncias podem ser percorridas (e assim as partes do espaço afetadas) à velocidade dos sinais eletrônicos”* inicia-se o caminho da

⁴ Para DUMAZIDIER, J. (1979), o tempo livre é marcado pelo não trabalho e à ele inclui as atividades sócio-espirituais; sócio-políticas, obrigações familiares, sociais e institucionais; para o autor o tempo livre dos indivíduos é transformado pela sociedade em quase toda a sua totalidade em “lazer”.

instantaneidade e, segundo Bauman, “*o tempo não mais confere valor ao espaço*”. (BAUMAN, 1998, p. 137).

O jogo agora passa a ser “*mobilidade*” e sua característica mais forte, “*instantaneidade*”. Evitar que a identidade se fixe, que obedeça a padrões estruturados e contidos, que mantenha seus eixos em territórios demarcados em claras fronteiras.

Esse desejo de mobilidade aparece como uma das marcas mais salientes do homem contemporâneo, mobilidade em todas as acepções que o termo permite – social, cultural, temporal, física e de identidade, a sagração desse desejo parece estar vinculada ao notável crescimento do turismo (SANTOS, 1996, p.11). A figura do turista, ponto focal do presente trabalho, passa a representar a “*epítome dessa evitação*” (BAUMAN, 1998, p. 114),

“De fato, os turistas que valem o que comem são mestres da arte suprema de misturar os sólidos e desprender o fixo. Antes e mais nada, eles realizam a façanha de não pertencer ao lugar que podem estar visitando: é deles o milagre de estar dentro e fora ao mesmo tempo (...) a pessoa deve poder mudar quando as necessidades a impelem, ou os sonhos o solicitam. A essa aptidão os turistas dão o nome de liberdade, autonomia ou independência”. (BAUMAN, 1998 p. 114).

Assim, a vida do turista contemporâneo é marcada pelo movimento, “os turistas se demoram ou se movem segundo o desejo de seus corações. Abandonam o local quando novas oportunidades não experimentadas acenam em outra parte, iniciando suas viagens por escolha”. (BAUMAN, 1998, p.116).

Esses sujeitos contemporâneos tomam a decisão de abandonarem seus lares, com o objetivo de descobrir e explorar terras estranhas e com a “confortável” percepção de que podem voltar se quiserem. Diferentemente dos conquistadores, que necessitavam trazer suas glórias na volta para casa na época moderna, os turistas da época contemporânea precisam poder sonhar com a volta e adquirir a “nostalgia do lar”. É a porta trancada do lado de fora que materializa seu sonho:

“O lar enquanto nostalgia não é nenhuma das verdadeiras edificações de tijolo e argamassa, madeira ou pedra. O momento em que a porta é trancada do lado de fora, o lar se torna um sonho. O momento em que a porta é trancada do lado de dentro, ele se converte em prisão. O turista adquiriu o gosto pelos espaços mais vastos e acima de tudo, abertos”.(BAUMAN, 1998, p.117).

Espaços abertos, contato com a natureza, formas de autodescobrimento, muito mais do que desbravamento de territórios representam a busca desse novo sujeito viajante, o indivíduo que começa a desejar uma troca dos bens materiais por valores subjetivos, como: o tempo, o espaço, a autonomia, o ambiente ecologicamente saudável, o silêncio, a busca da espiritualidade e o reencontro consigo e seus valores conferindo, desta maneira, novos significados às viagens.

O sujeito, produção de um novo contexto contemporâneo, constrói novas formas de olhar e escolher seus caminhos turísticos. Sobre essas novas formas e seu contexto deseja-se agora debruçar.

I.2 TURISTA: O “FLÂNEUR” DA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA.

“O Flâneur, em seus passeios, era um precursor do turista do século XIX” JOHN URRY.

O turista⁵ que visita os Parques Nacionais, em busca de paisagens naturais, pode ser interpretado com um “Flâneur”⁶, “... *O flâneur [na sociedade industrial] era o herói moderno, capaz de viajar, chegar, contemplar, prosseguir, ser anônimo*”, sem qualquer compromisso aparente, observar sem ser observado. (URRY, 1996, p.185). O turista, ao que parece, assim como o “*flâneur*”, passeia por um espaço, atraído pelo significado simbólico da natureza, sem que se saiba quem são eles, quais são seus verdadeiros desejos, motivações e expectativas.

A busca pelas paisagens naturais como uma prática turística efetiva teve início na Inglaterra. Segundo URRY (1996), esse fenômeno aconteceu no final do século XVIII e início do século XIX, com o surgimento das novas cidades industriais, provocando uma mudança de valores, com relação ao mundo natural. Desta forma, parece ter se instaurado uma dicotomia campo/cidade, produzida por uma sociedade urbano-industrial, em que a escassez e a diminuição dos espaços naturais e dos

⁵ A Organização Mundial de Turismo (OMT), principal organismo intergovernamental dedicado ao setor, utiliza a seguinte definição para turista: “*Qualquer pessoa que viaja a um lugar que não aquele de residência e aí permanece pelo menos por uma noite, mas não mais do que um ano e cujo o objetivo de visita não é o exercício de uma atividade remunerada ao lugar visitado . O termo “turista” inclui pessoas que viajam por lazer, recreação ou férias; para visitar amigos e ou parentes, negócios ou motivos profissionais; para tratamento de saúde ou peregrinações e por outros propósitos.*” (OMT, 2001, p.24)

⁶ Em seus estudos sobre Baudelaire e a modernidade, Walter Benjamin mostrou como a cidade criou, como tipo, o *flâneur*. O sujeito apaixonado pelo contexto urbano da modernidade “vagueando” pelas ruas de Paris, “...*Ele é o detetive da cidade, “detentor de todas as significações urbanas, do saber integral da cidade, do seu perto e do seu longe, do seu presente e do seu passado”.* (ABREU, 2004)

recursos renováveis influenciou definitivamente o “olhar do turista” até os dias de hoje, Segundo URRY (*op.cit*).

“ O olhar do turista é direcionado para aspectos da paisagem do campo e da cidade que os separam da experiência de todos os dias. Tais aspectos são encarados porque, de certo modo são considerados como algo que se situa fora daquilo que nos é habitual. O direcionamento do olhar do turista implica freqüentemente diferentes formas de padrões sociais, com uma sensibilidade voltada para os elementos visuais da paisagem, do campo e da cidade, muito maior do que aquela que é encontrada normalmente na vida cotidiana. ” (URRY, 1996, p.18).

Essa dimensão simbólica de resgate da natureza tornou-se ainda mais acentuada no século XXI, marcada por uma preocupação crescente com a conservação ambiental devido aos desmatamentos, às mudanças climáticas, à desertificação, à perda gradual da biodiversidade como patrimônio, entre outros enfoques que fizeram emergir o tema da natureza⁷ na interpretação do desenvolvimento e no cotidiano dos sujeitos contemporâneos.

Assim, a nova perspectiva de Desenvolvimento Sustentável⁸, consolidada a partir de 1992, provocou, na reflexão do turismo, novos significados, que influenciam, até hoje, diversas reflexões acadêmicas e, evidentemente, a prática turística.

⁷ Destaca-se como importantes marcos internacionais na temática ambiental a Conferência de Keele (1965), na Grã Bretanha, onde a questão ambiental surge como principal tema de reflexão e discussão. A “Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento” Estocolmo, em 1972. A Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental realizada em Tblisi, na Geórgia, no ano de 1977 que teve como ponto focal à defesa e a melhoria do ambiente para as gerações futuras, onde emerge o conceito de Desenvolvimento Sustentável, consolidado posteriormente pelo relatório final da Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. A Conferência das Nações Unidas para o Desenvolvimento Sustentável, Rio de Janeiro – Brasil, em 1992 e a Conferência de Joanesburgo, em 2002, entre outras.

⁸Nessa perspectiva, o conceito de desenvolvimento evoluiu de crescimento econômico para uma definição mais ampla que inclui também os aspectos sociais e ambientais, consolidando o conceito de Desenvolvimento Sustentável, definido como: “*aquele que atende às necessidades do presente sem comprometer a possibilidade das gerações futuras de atenderem às suas próprias necessidades*”. (Nosso Futuro Comum, 1987).

A sustentabilidade adquire desde então algumas conotações, das quais pode-se destacar três definições diretamente relacionadas ao segmento turístico:

Segundo WALL (1997), o turismo sustentável é aquele que,

“É desenvolvido e mantido em uma área (comunidade, ambiente) de maneira que, e em uma escala que, se mantenha viável pelo maior tempo possível, não degradando ou alterando o meio ambiente de que usufrui (natural e cultural), não interferindo no desenvolvimento de outras atividades e processos, não degradando a qualidade de vida da população envolvida, mas pelo contrário servindo de base para uma diversificação da economia local.” (Wall, 1997, p.486).

SWARBROOKE (2000) considera e enfatiza os parâmetros ambientais, sociais e econômicos do sistema turístico e define turismo sustentável como:

“O turismo que é economicamente viável, mas não destrói os recursos dos quais o turismo no futuro dependerá, principalmente o meio físico e o tecido social da comunidade local.” (SWARBROOKE, *op.cit.* p.15).

O autor interpreta assim, o turismo sustentável como,

“[todas as] formas de turismo que satisfaçam hoje as necessidades dos turistas, da indústria do turismo e das comunidades locais, sem comprometer a capacidade das futuras gerações de satisfazerem suas próprias necessidades.” (SWARBROOKE, *op.cit.* p.19).

Nessa mesma perspectiva, os membros da AIEST (Association Internationale d'Experts Scientifique du Tourisme), em seu congresso anual (Congrès de L`Aiest, 1991), apontaram quatro características específicas para a discussão da sustentabilidade no

turismo, das quais, as três primeiras⁹, se relacionam com a localidade turística e, a quarta, objeto de estudo desse trabalho, refere-se ao comportamento dos turistas, que deve ser, segundo essa perspectiva,

“Mais responsável e atencioso, receptivo às questões da conservação ambientais, sensíveis às interações com as comunidades receptoras, educado para ser menos consumista e adotar uma postura orientada para o entendimento e a compreensão dos povos e locais visitados.” (Seaton, 1991:712).

Em relação ao comportamento dos turistas, este tem sido tema de estudo para alguns autores, que buscam classificar “tipos” existentes na sociedade contemporânea, a partir de suas motivações e comportamentos e relacioná-los a segmentos do turismo.

BENI (2001) utiliza um modelo de identificação das motivações que influenciam as decisões dos turistas, a partir da classificação de Stanly Plog (1974). Essa classificação enquadra os turistas em uma escala de consumidores “psicocêntricos”, atraídos por localidades que lhes transmita um ambiente conhecido e familiar, aos “alocêntricos” que buscam o desconhecido.¹⁰ Para esses grupos de turistas, o grau de saturação do “destino” ou “atrativo turístico” é um fator determinante em suas escolhas. Neste caso, a manutenção do patrimônio natural e cultural é determinante para o prolongamento do ciclo de vida do destino turístico e a sustentabilidade da atividade.

⁹ Com relação à localidade, foi considerado como pontos fundamentais e premissa para o desenvolvimento sustentável do turismo, as seguintes características: respeito ao meio ambiente natural: o turismo não pode colocar em risco ou agredir irreversivelmente as regiões nas quais se desenvolve; Harmonia entre a cultura e os espaços sociais da comunidade receptora: sem agredi-la ou transformá-la e Distribuição equitativa dos benefícios do turismo entre a comunidade receptora, os turistas e os empresários do setor.

¹⁰ Os psicocêntricos e os alocêntricos encontram-se nos extremos da escala de Plog,(1974), entre eles situam-se ainda, os semi “alocêntricos”, os “semipsicocêntricos” e os “mesocêntricos”. Os semi-alocêntricos, vão em busca de regiões ainda não deterioradas, porém não constituem o grupo dos desbravadores, são os mais próximos dos alocêntricos, os semi- psicocêntricos tem preferências próximas aos psicocêntricos e necessitam do ambiente familiar e das acomodações tradicionais, buscam no entanto lugares em que a diversidade cultural e os costumes locais sejam expressivos, os mesocêntricos, são aqueles que se inclinam pelos destinos turísticos típicos para as férias, com acomodações hoteleiras e extra-hoteleiras.(BENI, 2001, p.226)

SWARBRROKE (2000) acredita ainda que a discussão sobre turismo sustentável baseia-se no que ele descreve como a "ascensão do turista verde". Essa denominação descreve os turistas numa escala entre a variação de "não verdes" aos "verdes escuros".

Os grupos considerados "verdes escuros" possuem, segundo essa classificação, comportamentos voltados para a preservação do meio ambiente, inclusive no que se refere ao pagamento de viagens, para trabalho voluntário nas questões ambientais e, boicotes a hotéis e locais de veraneio que tenham reputação negativa quanto às questões ambientais. Ao passo que, os "verdes claros" pensam sobre as "questões verdes" e tentam, por exemplo, reduzir o consumo de água nas localidades turísticas, onde ela é escassa, entretanto, não realizam grandes sacrifícios em prol de suas "idéias".

Para o autor, o segundo grupo representa a maior parcela da população; "verdes escuros" representariam assim apenas uma pequena parte dentre os turistas que se preocupam com a questão ambiental.

Essas classificações¹¹ apontam para alguns estereótipos de turistas, entretanto não consideram os fatores que determinam as motivações que levam os turistas a privilegiarem e escolherem um espaço natural. Uma proposição interessante neste sentido é apresentada por Cobra (2001), segundo o autor os turistas escolhem seus destinos influenciados por quatro fatores, descritos como:

¹¹ No entanto, essas classificações parecem não ser suficientes para a reflexão do papel do turista como um "aliado" no desenvolvimento do turismo sustentável, Segundo PACHECO e IRVING (2005) essas abordagens parecem considerar o turista apenas como consumidores e por serem reconhecidos assim "*possuem direitos e deveres que os levam a ser orientados*"

1º) Os fatores pessoais associados à idade e estágio de vida pessoal e da família, estilo de vida, situação econômica e ocupação;

2º) Os fatores culturais, a escala de valores e comportamentos que são aprendidos continuamente na vida social;

3º) Os fatores sociais, relacionados ao papel social e ao status que o indivíduo desempenha no seu ambiente cotidiano com o seu grupo de referência: família, amigos, colegas de escola e de trabalho e,

4º) Os fatores psicológicos associados ao sistema de crenças e atitudes, motivações e percepções do ambiente.

Esses aspectos são constituídos através das práticas e relações do cotidiano que antecedem a viagem, o “olhar” do indivíduo não é construído na localidade de destino, este “olhar” é influenciado principalmente pelos acontecimentos de sua vida diária.

Segundo URRY,

“... Os lugares são escolhidos para ser contemplados porque existe uma expectativa, sobretudo através do devaneio e da fantasia... envolvendo sentidos diferentes daqueles que habitualmente nos deparamos. Tal expectativa é construída e mantida por uma variedade de práticas não-turísticas, tais como o cinema, a televisão, a literatura, as revistas, os discos e os vídeos que constroem e reforçam o olhar...” (URRY, 1996, p.19).

Nesse sentido, o cenário da atualidade – no que se refere às questões ambientais – parecem ter influenciado o imaginário coletivo e as motivações e tendências para o turismo nesse século. Segundo a OMT (Organização Mundial de Turismo), dentre os diversos segmentos¹² turísticos, o turismo de natureza é o que mais tem se desenvolvido, enquanto a atividade turística cresce a uma taxa média anual de 4%, o turismo de natureza cresce a uma taxa de 10% a 30% ao ano (KINKER, 2002, p.08).

Neste panorama, ressalta-se a importância das áreas protegidas, como um espaço natural relativamente preservado e uma nova possibilidade de vivência, interpretação e contemplação da natureza para o turista:

Assim, para uma melhor compreensão desses espaços, a seguir é apresentada uma breve contextualização da criação das áreas protegidas no Brasil.

¹² Segundo ANSARAH, (2001, p.31), a segmentação de mercado turístico trata-se da seleção de grupos de usuário segmentado por: idade, meios de transporte, duração e permanência, distância em relação ao mercado consumidor, tipo de grupo, condição geográfica da destinação turística, aspecto cultural, grau de urbanização da destinação turística, motivação das viagens,

I.3 PARQUES NACIONAIS: ESPAÇOS PRIVILEGIADOS

PARA A CONSERVAÇÃO E O TURISMO

“O impacto antrópico sobre as áreas naturais preservadas, ou em estado de conservação, tende a ser crescente e marcante nos próximos anos, não apenas pela competição em relação à base de recursos naturais, o que reflete naturalmente o conflito de interesses de uso do solo, mas também pelo seu valor simbólico com relação ao resgate da natureza e de valores essenciais pelas sociedades urbanas, com conseqüências diretas na utilização de tal patrimônio para fins de recreação e lazer.” MARTA IRVING.

A inspiração da criação de áreas protegidas¹³, no Brasil, surgiu com base no modelo preservacionista norte-americano no séc. XIX e se tornou, desde então o mecanismo mais convencional de conservação da biodiversidade no país. Esse modelo tem a concepção de áreas protegidas idealizadas pela criação de “ilhas de natureza preservada”, (KINKER, 2002) nas quais não haveria nenhuma intervenção humana com o objetivo de proteger a vida selvagem (*“wilderness”*), sendo o seu uso destinado apenas à contemplação, recreação e pesquisa. A criação do primeiro Parque Nacional do mundo, o Yellowstone National Park, em 1872; influenciou e tornou-se emblemática para a criação de áreas protegidas em outros países.

13 Segundo a IUCN (1991), área protegida corresponde a “... uma área dedicada primariamente à proteção e usufruto do patrimônio natural ou cultural, ou manutenção da biodiversidade e/ou serviços de apoio à manutenção da vida ecológica”.

Nesse paradigma foram criados diversos Parques Nacionais no Brasil¹⁴. O primeiro PN Brasileiro foi criado em 1937, denominado Parque Nacional de Itatiaia e em seguida surgiram outros parques nacionais: Parque Nacional do Iguaçu e Serra dos Órgãos, o Parque Nacional do Jaú, o Parque Nacional de Aparados da Serra, o Parque Nacional do Araguaia; o Parque Nacional das Emas e os Parques Nacionais de Tocantins, Xingu e Caparó.

Entretanto, deve-se ressaltar que a institucionalização política e administrativa de proteção da natureza, consolidada na primeira metade do séc. XX, pode ser compreendida como resultado de um longo e lento processo influenciado por diversos segmentos da sociedade e pelo contexto internacional. (IRVING, 2002).

Na Conferência das Nações Unidas para o Desenvolvimento Sustentável (RIO, 1992), entre os compromissos globais consolidados pela Convenção da Diversidade Biológica, uma das exigências acordadas e ratificadas pelo Brasil foi à regulamentação e normatização das áreas protegidas em território nacional.

O projeto de lei 2892/92, instrumento técnico e jurídico de normatização de planejamento e gestão de áreas protegidas, estabeleceu as bases do que viria a ser o Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC) e, após um período de

¹⁴ Os parques nacionais brasileiros são legalmente áreas de domínio público (MMA 2004), entretanto uma parcela significativa dessa categoria de unidade de conservação que já possui decreto de criação não tem regulamentação fundiária e necessita desapropriar essas áreas, bem como, indenizar os proprietários residentes; como resultado desse processo, vê-se a criação de “**parques de papel**”, uma expressão difundida por alguns ambientalistas para explicar essa problemática. Diegues (1996), analisando a transposição do modelo norte-americano de preservação nos países em desenvolvimento adverte para o fato da dicotomia entre povos e parques em áreas habitadas por grupos tradicionais e populações indígenas acarretando um processo de difícil equação nesses países. Nesse ponto reside sua principal crítica em relação à criação dos Parques Nacionais nos países do denominado “terceiro mundo”.

discussão e negociação, iniciado em 1992, o SNUC passou a ter força de lei somente a partir de julho de 2000, na forma da Lei n° 9.985/2000.

Esse instrumento legal buscou sistematizar, descrever e estabelecer critérios para a criação e gestão das áreas protegidas denominadas, a partir de então, Unidades de Conservação (UC)¹⁵ e definidas pelo texto legal como:

“Espaço territorial e seus recursos ambientais, incluindo águas jurisdicionais, com características naturais relevantes, legalmente instituídos pelo Poder Público, com objetivo de conservação e limites definidos, sob regime especial de administração, ao qual se aplicam garantias adequadas de proteção”. (Lei n° 9.985/2000, Cap. I, art.2º, § -I).

Têm, como objetivo,

“Proteger áreas representativas do território nacional, sob o ponto de vista da biodiversidade, das belezas cênicas, de fonte para a pesquisa científica, da educação ambiental e do uso sustentável dos recursos naturais.”(ART.225/Lei n° 9.985/2000).

O SNUC estabeleceu ainda duas tipologias de UCs, “Uso Sustentável” e “Proteção Integral”. O objetivo básico das UCs de Uso Sustentável é compatibilizar a conservação da natureza com o uso sustentável de seus recursos naturais. Essa tipologia engloba as seguintes categorias de manejo: Área de Proteção Ambiental, Área de Relevante Interesse Ecológico, Floresta Nacional, Reserva Extrativista, Reserva de Fauna, reserva de Desenvolvimento Sustentável e Reserva Particular de Patrimônio Natural.

¹⁵ No caso brasileiro além das Unidades de Conservação são consideradas para o Plano Nacional de Áreas Protegidas (PNAP) as terras indígenas e quirombolas.

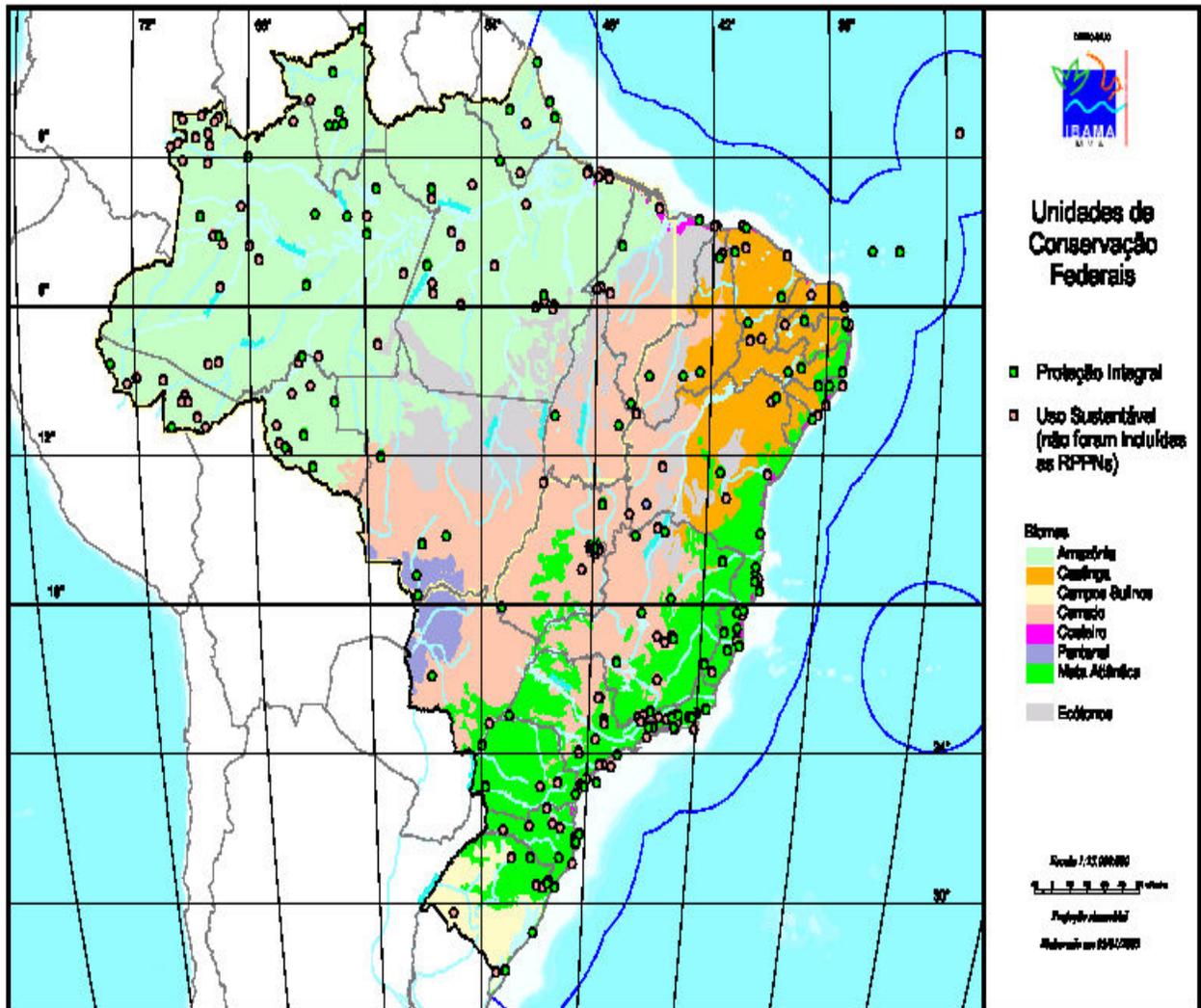
As UCs de Proteção Integral tem como objetivo básico a preservação da natureza e a utilização e o uso indireto de seus recursos naturais, com exceção dos casos previstos na lei 9.985/2000. São consideradas UCs de proteção integral: Estação Ecológica, a Reserva Biológica, o Parque Nacional, O Monumento Natural e o Refúgio da Vida Silvestre.

No Brasil, apenas em âmbito federal, existem 258 (duzentos e cinquenta e oito) UCs¹⁶, que compreendem a uma área total de 53.806.450,32 ha, correspondendo a 6,30% da área total do território brasileiro. (IBAMA, 2005)

Das (duzentas e cinquenta e oito) 258 unidades de conservação identificadas, 111 (cento e onze) estão classificadas como UCs de Proteção Integral, e 145 (cento e quarenta e sete) das UCs, estão classificadas como unidades de conservação de Uso Sustentável. A distribuição das UCs no Brasil está apresentada na figura (1) a seguir,

¹⁶ Esses dados não compreendem a categoria - RPPN (Reserva Particular do Patrimônio Natural).

Figura 1 – Distribuição das Unidades de Conservação no Território Nacional.



fonte: www.ibama.gov.br, acessado em: 22 de abril de 2005

Entretanto, apesar deste vasto sistema de UCs, ainda não se alcançou, no país, a recomendação mundial da IUCN (União Mundial para a Natureza) de 10% de proteção integral por bioma, conforme avaliação do próprio Ministério do Meio Ambiente

“O total de área protegida por bioma é insuficiente para a conservação da biodiversidade (mínimo de 10% de proteção integral por bioma, segundo as conclusões do IV Congresso Internacional de Áreas Protegidas, realizado em Caracas, 1992) e, de acordo com o mesmo documento, o fato de que as áreas já criadas não atingiram plenamente os objetivos que motivaram a sua criação (MMA, 2001)

No âmbito das políticas públicas, é necessário, assim, segundo IRVING (2002), o fomento à criação e a manutenção destes espaços de proteção da natureza e conservação dos recursos renováveis neles contidos, que possuem além dos objetivos de conservação, uma dimensão simbólica de preservação da natureza. Nesse sentido, os Parques Nacionais¹⁷ são definidos pelo Decreto Federal nº 84017, de 21 de setembro de 1979, como,

“áreas geográficas extensas e delimitadas, dotadas de atributos naturais excepcionais, objeto de preservação permanente, submetidas à condição de inalienabilidade e indisponibilidade, no seu todo”. (Decreto Federal nº 84017, 1979, ART.1º-§ 1).

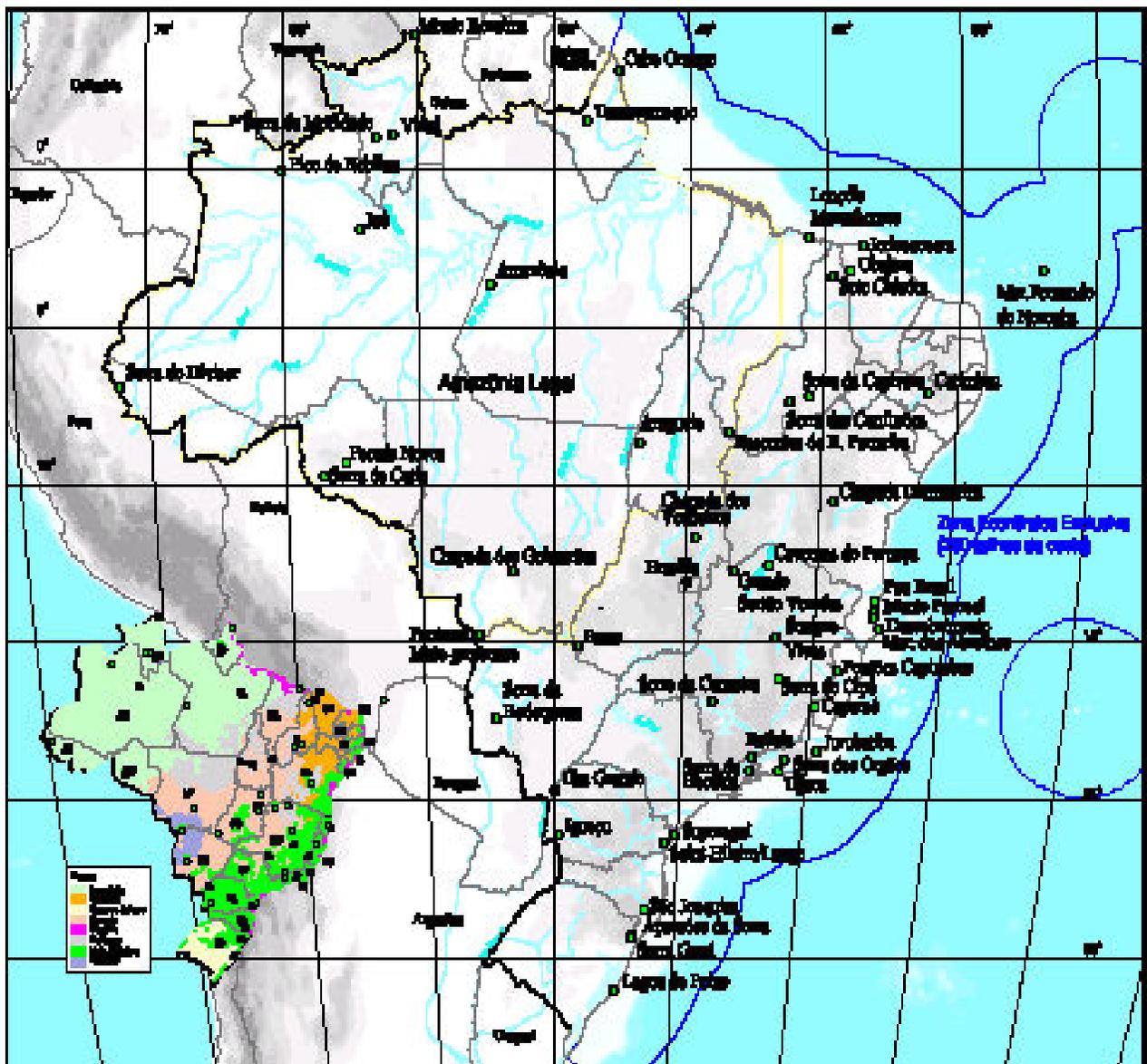
e têm como objetivo,

“a preservação de ecossistemas naturais de grande relevância ecológica e beleza cênica, possibilitando a realização de pesquisas científicas e o desenvolvimento de atividades de educação e interpretação ambiental, de recreação em contato com a natureza e de turismo ecológico”.(Lei. 9.985. Art. 11).

¹⁷ Vale ressaltar que o texto do SNUC não contém propriamente uma definição de Parque Nacional, apenas uma apresentação de seus objetivos (cf SNUC, Art.11)

representando uma parcela significativa em prol da conservação ambiental. Segundo os dados IBAMA (2005), existem hoje 52 Parques Nacionais, 47% das UCs de Proteção Integral, distribuídos por todo o território nacional, totalizando uma área de 16.437.902,14 ha, cerca de 1,92% do território brasileiro como apresentado na figura a seguir:

Figura II – Distribuição dos Parques Nacionais no Território Federal.



Além disso, os Parques constituíram-se fontes de inspiração no imaginário coletivo, uma possibilidade de resgate da natureza para os sujeitos contemporâneos que buscam aproximar-se de um espaço protegido. Segundo THOMAS (1933),

“... Para os adultos, os Parques Naturais e as áreas preservadas cumprem uma função que não é diferente da que os bichos de pelúcia têm para as crianças; são fantasias que cultuam os valores mediante os quais a sociedade, como um todo, não tem condições de viver. (THOMAS, 1933: 357)”.

Observa-se na atualidade um aumento progressivo no fluxo de turistas interessados em visitar Parques Nacionais, o que, aparentemente, poderia representar um paradoxo entre “preservação da natureza & atividade turística”; entretanto, deve-se ressaltar que, para a utilização turística dirigida aos Parques Nacionais, a lei permite a visitação, desde que os mesmos possuam Plano de Manejo que, segundo a Lei nº 9.985, cap. 1º, art 2º, § XVII, é definido como:

“um documento técnico mediante o qual, com fundamento nos objetivos gerais de uma unidade de conservação, se estabelece o seu zoneamento e as normas que devem presidir o uso da área e o manejo dos recursos naturais, inclusive a implantação das estruturas físicas necessárias à gestão da unidade.”.(Lei nº 9.985, cap. 1º, art 2º, § XVII)

Além do Plano de Manejo, a visitação a um Parque Nacional deve ser cuidadosamente planejada para que os turistas e visitantes possam permanecer no Parque, desenvolver atividades de lazer, recreação, interpretação da natureza e participar de projetos de educação ambiental sem colocar em risco a preservação dos ecossistemas ali presentes.

Segundo Ceballos-Lascuráin (1996), os principais passos para o manejo de uma modalidade de turismo sustentável em áreas protegidas são:

“Com base no zoneamento definido no plano de manejo, identificar as atividades possíveis de serem realizadas naqueles ambientes e quais poderão ser permitidas (acampamento, trekking, cavalgadas, passeios de barco, escalada, rafting, canyoning etc.).

Adotar métodos de monitoramento do impacto de visitação, para ter subsídios para adequar as diversas variáveis e minimizar os impactos.

Estabelecer parcerias entre administradores de parques, operadores de turismo e comunidades locais.

Estabelecer concessões de serviços que devem ser fiscalizadas pelo órgão responsável pelas UCs.

Fazer estudo da demanda, com estatísticas do número de visitantes durante o ano, para detectar a sazonalidade, bem como conhecer o perfil do turista que visita a área, suas motivações, preferências de atividades e expectativas atendidas.”

Nesta perspectiva, alguns elementos podem ser apontados como imprescindíveis para apoiar as atividades realizadas pelos turistas e visitantes de um Parque Nacional, o Centro de Visitantes, devidamente equipado e instalado em local designado no respectivo Plano de Manejo; um sistema de interpretação da natureza; trilhas; áreas para acampamento, sinalização; folheterias; banheiros públicos; lanchonetes; estacionamento fora ou dentro da unidade entre outros equipamentos adequados para aquele ambiente, etc. (KINKER, 2002:59).

Deve-se considerar ainda, alguns riscos que podem ocorrer em função de um planejamento inadequado para um Parque Nacional e outras UCs, como: a abertura de atalhos e trilhas sem um estudo prévio, o pisoteamento, a compactação e a erosão do solo, a depredação da infra-estrutura, das árvores e das rochas por pichações ou coleta de “souvenirs”, o depósito inadequado de lixo que interfere na alimentação da fauna e

polui solo e cursos d'água, o distúrbio do ambiente sonoro, visual e olfativo da fauna por barulho, excesso de cores e odores estranhos ao meio e risco de incêndios, são alguns fatores que o mau planejamento dessa atividade pode ocasionar. (SERRANO, 1997).

Assim, no sentido de se evitar esses danos e contribuir para o melhor aproveitamento da visitação nesse tipo UC, a idealização de toda a infra-estrutura do parque deve privilegiar os elementos que estejam em harmonia com o ambiente natural que possibilite uma melhor interpretação da natureza, devendo ainda, ser fáceis de operar e manter, levando em consideração as especificidades de cada parque.

A partir de uma infra-estrutura adequada, os riscos inerentes da atividade turística em parques nacionais e em outras unidades de conservação tendem a ser, então, minimizados e os efeitos positivos, gerados pelo turismo, potencializados.

Segundo IRVING (2002), o turismo, em parques nacionais, pode gerar fontes de financiamento para a proteção, desenvolvimento e manutenção dos parques e outras áreas de importante valor cultural e ambiental; possibilitar alternativas econômicas para as populações locais, no sentido da redução da exploração de áreas protegidas e seus recursos e aumento de divisas a partir de atividades turísticas sustentáveis e constituir uma “rede” em prol da conservação dos Parques, a partir da disseminação de informações, tendo no turista um aliado em potencial.

Nesta perspectiva, o turismo praticado em Parques Nacionais, pode ser compreendido como uma atividade estratégica de contribuição para a conservação da natureza, no cenário brasileiro. Neste sentido, volta-se o olhar agora sobre o Parque Nacional da Tijuca, objeto deste estudo.

II. O PARQUE NACIONAL DA TIJUCA: UMA PERSPECTIVA GLOBAL.

“Aquele que decide transpor seu antigo portão e penetrar no universo inigualável, que apenas esse lugar mágico pode oferecer, sairá dele, no mínimo, consciente da exuberância tropical de uma floresta que sobrevive no coração de uma cidade como o Rio de Janeiro.” Maria Cristina P. Vieira.

II. 1 BREVE DESCRIÇÃO

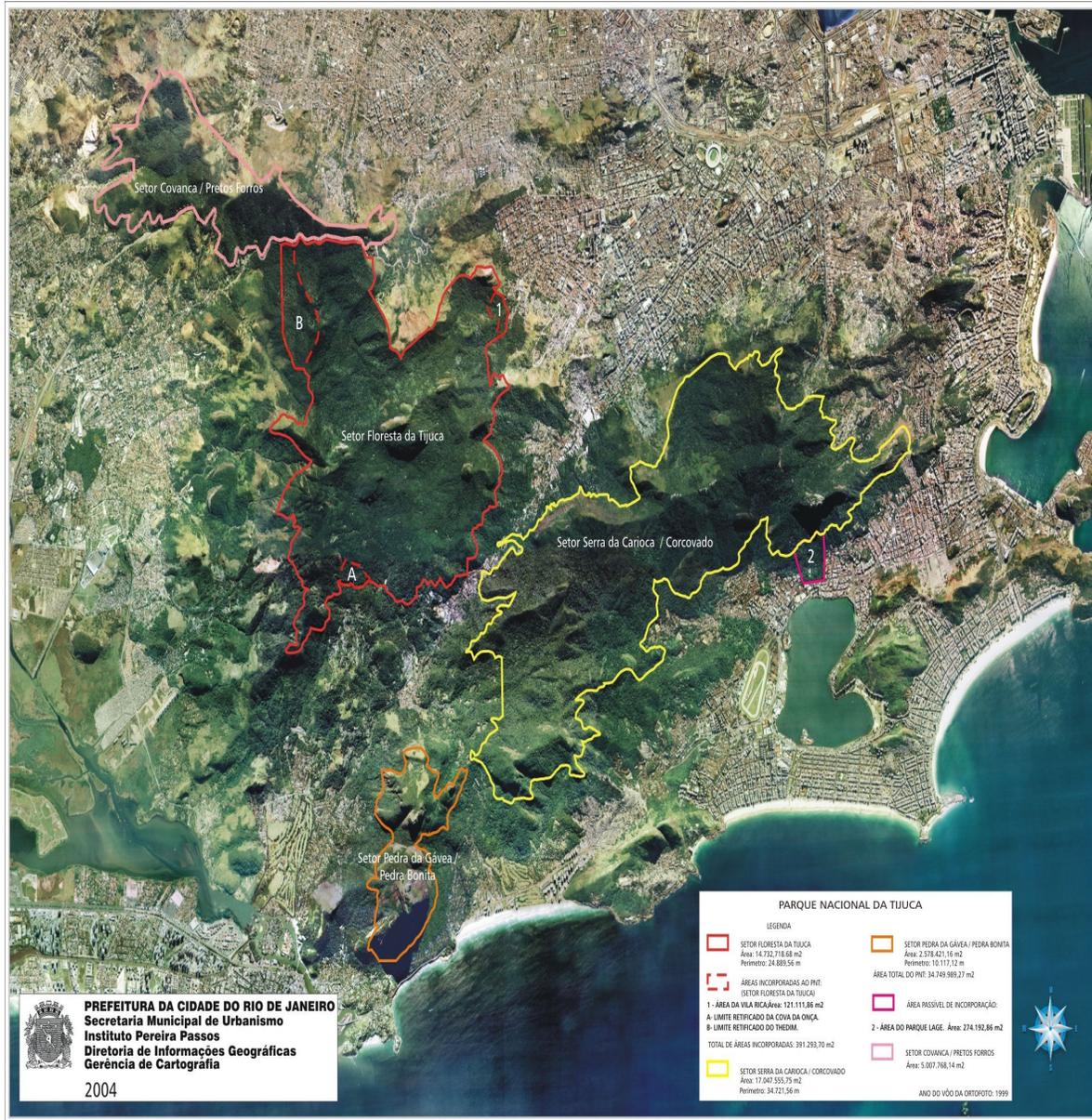
O PNT (PNT), foi criado em 6 de julho de 1961, pelo Decreto Federal nº 50.923 (Anexo-1), com o nome oficial de Parque Nacional do Rio de Janeiro. Abrangendo extensas áreas montanhosas e florestadas dos maciços da Carioca e da Tijuca, situadas na cidade do Rio de Janeiro.

O Decreto Federal nº 60.183 em 8 de fevereiro de 1967 (Anexo-2), consolidou a unidade de conservação, que passou a ser nomeada como Parque Nacional da Tijuca (PNT) e, seus limites originais foram alterados, sendo excluídas de seu perímetro, algumas encostas ocupadas por ruas e assentamentos e incluídas outras sem ocupação humana permanente – especialmente no eixo da Pedra Bonita e Pedra da Gávea.

Hoje o PNT é dividido em quatro complexos geográficos, conforme o Decreto de 03 de Julho de 2004 (Anexo-3), sendo eles: A Floresta da Tijuca compreende, os morros do Andaraí, da Tijuca e de três Rios – (setor-A); Serra da Carioca, envolve os morros do Corcovado, Sumaré e Gávea Pequena (setor-B) e Maciço da Gávea, que

compreende a Pedra Bonita e a Pedra da Gávea (setor-C) e a Serra dos Pretos Forros e Covanca (Setor D), como demonstrado no mapa abaixo (Figura 3).

Figura (3) Mapa do Parque Nacional da Tijuca



Segundo ISER (2000), o processo de reflorestamento do PNT é considerado pioneiro na América do Sul. Constituído por Floresta Atlântica densa, onde está concentrada alta biodiversidade, estão catalogados 600 (seiscentas) espécies de plantas e 300 (trezentas) espécies animais diferentes, em uma área total de 3.200 hectares.

O PNT possui uma característica ímpar, por ser uma unidade de conservação de reconhecida riqueza natural, histórica e ambiental e, estar localizada em área metropolitana, o que por um lado favorece a educação ambiental, interpretação ambiental, recreação, contato c/ a natureza e ecoturismo para os moradores do Rio de Janeiro configurando-se como um significativo espaço de lazer para a população urbana, em contrapartida, implica administrar sua enorme vulnerabilidade devido a uma crescente e significativa pressão antrópica. (ISER, 2000).

Embora não seja questão central deste trabalho, deve-se ressaltar, nesse contexto urbano do Parque e, no que diz respeito à significativa pressão antrópica que incide sobre ele, que existem conflitos com a população do entorno, que vive, em muitos casos, uma situação de miséria, violência e conseqüentemente permanece em um quadro de exclusão social.

II. 2 PATRIMÔNIO CULTURAL¹⁸

¹⁸ Segundo o (art.216), da Constituição Brasileira de 1988, o conceito de patrimônio cultural é significativamente abrangente, “*Constituem o Patrimônio Cultural Brasileiro os bens da natureza material e imaterial, tomado individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: I – as formas de expressão; II-os modos de criar, fazer e viver; III-as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV – obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; V-os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico*”.

II. 2 PATRIMÔNIO CULTURAL

O PNT abriga, paisagens, sítios históricos e arqueológicos, edificações de valor histórico e/ou arquitetônico, jardins, estatuária, fontes e chafarizes e outros itens.

O acervo do PNT foi produzido ao longo de quatro fases básicas da história da área. A primeira fase ocorreu nos séculos XVIII e XIX – marcada pelo período da cafeicultura; a segunda fase, na segunda metade do séc. XIX – marcada principalmente pela interrupção da exploração irracional das encostas do maciço e proteção das nascentes para a recuperação dos mananciais; a terceira fase, no período republicano – caracterizada por um relativo abandono do patrimônio natural e cultural e modernização das cidades; a quarta fase, período mais recente, início da década de 30 - Nova República até os dias atuais, marcada principalmente por um novo processo de gestão para a região do maciço da Tijuca e de suas florestas. Nesse período foi inaugurada a estátua do Cristo Redentor, em 1931, e oficializada a criação do PNT, no ano de 1961.(ISER, 2000).

II. 3 PATRIMÔNIO NATURAL:

A fisionomia natural primitiva do PNT sofreu alterações marcantes iniciadas com a exploração de madeira e de outros produtos vegetais, a caça, os pequenos lotes agrícolas e, principalmente a expansão da cafeicultura e o crescimento populacional do Rio de Janeiro.

Nos séculos XVII e XVIII, grande parte da área de mata atlântica foi praticamente devastada devido às plantações, principalmente de café, que tomaram conta da região do Alto da Boa Vista, ocasionando um desmatamento descontrolado levando à erosão e ao assoreamento dos pequenos rios que forneciam a maior parte de água potável da cidade, e outras mudanças ambientais mais profundas, como extinção local ou rareamento de espécies nativas de vegetais e animais.

A cobertura florestal hoje encontrada no Parque é secundária, resultado de um longo processo de regeneração, que teve por objetivo principal resgatar os mananciais de água que abasteciam a cidade do Rio de Janeiro. Seu reflorestamento, iniciado em 1861, sob a condução do Major da Guarda Nacional Manuel Gomes Acher (região da Tijuca) e do administrador Thomás Nogueira da Gama (responsável pela região do Sumaré e Paineira), foi em um primeiro momento, em grande parte realizado pela mão humana. Num segundo momento, a regeneração se deu sob condições naturais, a partir da proteção integral da área. Hoje a floresta se encontra em um estágio secundário de sucessão ecológica. (IBAMA, 1998).

A combinação de quatro fatores permitiu que uma cobertura vegetal densa e contínua se expandisse ou se reinstalasse nos trechos mais altos e inclinados do Parque. Foram eles: as desapropriações de fazendas abandonadas pelo governo imperial; o replantio de árvores, o nascimento espontâneo de matas secundárias e a continuidade da vigilância governamental sobre a área ao longo de muitas décadas, embora esse conjunto de floresta marque a fisionomia dos maciços e da cidade.

Com relação à flora, nos locais de melhores condições de preservação, são observados exemplares do estrato arbóreo, como a árvore pioneira embaúba prateada, a quaresmeira, o ipê- amarelo, a paineira, o fedegoso, o pau-ferro, a sibipiruna, o cedro, o jacarandá, o jequitibá, a canela, a palmeira indaiá, espécies exóticas que também são encontradas, (espécies de eucalipto e do pinheiro do –Paraná) . Nos estratos herbáceos, constituídos pela vegetação rasteira, predominam as ervas como a helicônia ou bico de guará, a begônia, o caeté, a avenca, a samambaia e a maria–sem-vergonha. No estrato arbustivo, “andar” intermediário (arbustos de até 4m de altura) encontram-se, o samambaiçu ou fetoarborescente, o sonho-d’ouro, a leandra, o manacá, o jaborandi, o palmito, a dracena e o café. Entre as epífitas, sobressaem bromélias e orquídeas.

A fauna é composta por animais de pequeno e médio porte, mamíferos como, o macaco prego, a preguiça, o cachorro do mato e a irara, o gato do mato, o sagüi-estrela, o quati, o gambá, o caxinguelê, a cutia, o tapiti, o guaxinim, roedores e morcegos.(ISER, 2000). A fauna local configura-se como um dos principais atrativos turísticos para os turistas e moradores do Rio de Janeiro que visitam o PNT.

II. 4 O MANEJO DO PARQUE

O PNT possui Plano de Manejo, elaborado em 1981 com o objetivo de afirmar e consolidar a unidade territorial como Parque Nacional. No que diz respeito às atividades de uso público, o Plano se divide em quatro sub-programas: recreação, interpretação, educação e turismo.

O subprograma de **Recreação** visa, entre outros objetivos, “proporcionar atividades recreativas aos visitantes de acordo com as aptidões e potencialidades dos recursos específicos do Parque”; O segundo sub-programa, designado como **Interpretação** se propõe a “ajudar o visitante a entender e apreciar os recursos naturais e culturais da área, de modo que a sua experiência seja positiva e agradável”. No que se refere à finalidade dos parques, relacionada à educação e interpretação da natureza, o Plano de Manejo prevê o terceiro subprograma, denominado **Educação** objetivando “dar oportunidades a estudantes e professores para a observação e estudos práticos” através do preparo de trilhas especialmente interpretadas e a elaboração de programas educativos”. E finalmente, o subprograma de **Turismo** objetiva orientar o “turismo, incentivar a visitação e promover o entrosamento entre o PNT e as empresas de turismo, através de atividades que promovam a divulgação da unidade, a sua inclusão em roteiros turísticos e o treinamento de guias.” (ISER, 2000)”.

II. 5 O VISITANTE DO PARQUE NACIONAL DA TIJUCA:

Em 1998, uma pesquisa realizada com os visitantes do PNT (Parque Nacional da Tijuca), por um convênio entre o ISER (Instituto de Estudos da Religião) e o IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Renováveis), caracterizou o perfil do visitante do Parque Nacional da Tijuca, e contribuiu com informações sobre: o perfil sócio-demográfico dos visitantes do parque, suas principais demandas, a avaliação dos serviços prestados e a disposição para o trabalho voluntário e para o pagamento pelos serviços oferecidos pelo parque.

Segundo o relatório ISER/IBAMA (1998), quase um milhão e meio de pessoas freqüentam o parque anualmente. A média mensal de visitantes no parque é de 120 mil (cento e vinte mil) freqüentadores e, mais de mil pessoas, visitam o Parque diariamente. O público que compõe a população de usuários do Parque é diversificado. Turistas nacionais e estrangeiros, praticantes de esportes, excursionistas, moradores de bairros vizinhos e distantes.

A informação trazida pela pesquisa refere-se à distribuição de visitação com relação aos setores do Parque. Os visitantes¹⁹ se distribuem de forma irregular por quatro pontos do Parque: Paineiras (12,8%), Floresta (33,3%), Corcovado (53,2%), Pedra Bonita (0,8%).

Os visitantes habituais e eventuais apresentam diferenças significativas em suas escolhas aos locais de visitação. O Corcovado atrai 89% dos visitantes eventuais e, apenas 8% dos habituais, sendo a Floresta da Tijuca o local preferido por 61% dos visitantes habituais.

A maioria dos visitantes habituais, segundo a pesquisa, é do sexo masculino (56,2%), com escolaridade superior (65,3%) e, idade acima de trinta e quatro anos (51,2%). Os visitantes eventuais, com relação aos visitantes habituais, por sua vez, são em sua maioria do sexo feminino, idade inferior a trinta anos e a proporção de universitários diminui de 65,3 % para 47%.

¹⁹ A pesquisa (ISER/IBAMA, 1998) considerou dois tipos de visitantes, o visitante habitual que vai ao parque mais de uma vez ao ano e o visitante eventual, que está visitando o parque pela primeira vez ou sua última visita ocorreu a mais de um ano .

O período vespertino representa a escolha preferida do público nos finais de semana: 77% dos visitantes entram no PNT após as 12 horas. Esta desproporção entre visitantes matutinos e vespertinos é menor nos dias de semana, nos quais, o percentual de visitantes, que entra no Parque, nos dias úteis, antes das 12 horas, sobe para 45%.

Quanto às instalações e aos serviços prestados no PNT (serviços de alimentação, banheiros, churrasqueiras e locais para piquenique, equipamentos de ginástica, informações, serviços de limpeza e segurança), há uma diferença significativa na avaliação dos visitantes habituais e visitantes eventuais. Para 50% dos visitantes habituais todos os serviços prestados foram reprovados, sendo o serviço de limpeza o mais bem avaliado. O resultado obtido para a mesma avaliação pelos visitantes eventuais foi satisfatório: 50 % consideraram os serviços prestados excelentes ou bons.²⁰

O estudo indicou um potencial para a captação de recursos com a cobrança de ingresso dos visitantes. A pesquisa, realizada entre os visitantes habituais e eventuais, demonstrou que os visitantes eventuais possuem disposição para o trabalho voluntário e para o pagamento de ingressos, que, poderia variar entre R\$ 5,00 (cinco reais) no Corcovado e R\$ 3,00 (três reais) nos demais pontos (Paineiras, Floresta da Tijuca e Pedra Bonita), os visitantes habituais apresentam uma maior resistência para o pagamento de ingressos do que os visitantes eventuais. No entanto 61% dos visitantes habituais estariam dispostos a realizar algum tipo de trabalho voluntário para a melhoria

²⁰ Os sanitários entre as instalações e os serviços prestados, foram os mais criticados para os dois segmentos da amostra (43% entre os eventuais e 70% entre os habituais), considerado ruim.

do Parque. A hipótese de cobrança dos ingressos poderia reduzir o número de visitantes atuais em 155 mil ao ano. Entretanto, segundo a pesquisa, a arrecadação seria de 5,4 milhões de reais. (ISER, 1998).

Assim, por sua significação natural e sua relevância histórica e cultural, bem como, pelo valor simbólico que o PNT possui para os seus visitantes, “*esse universo muito especial*” tornou-se um dos principais pontos de atração turística do Rio de Janeiro. Desta forma, foi escolhido como área para a interpretação das motivações e expectativas dos turistas e moradores do Rio de Janeiro que buscam e privilegiam uma área protegida como espaço de lazer.

III. CONTEXTUALIZAÇÃO METODOLÓGICA DA PESQUISA

O trabalho de pesquisa envolveu a construção de um referencial teórico envolvendo como eixos centrais o turista e os parques nacionais, com foco central ao Parque Nacional da Tijuca, selecionado como Estudo de Caso, a partir de levantamento bibliográfico e pesquisa documental.

Optou-se por realizar uma pesquisa descritiva, que segundo CERVO (2002) objetiva,

“observar, registrar, analisar e correlacionar fatos e fenômenos (variáveis) sem manipulá-los. Estuda fatos e fenômenos do mundo físico e especialmente do mundo humano, sem a interferência do pesquisador. Procura-se descobrir, com a precisão possível, a frequência com que um fenômeno ocorre, sua relação e conexão com os outros, sua natureza e características. A pesquisa descritiva se desenvolve, principalmente nas ciências humanas e sociais, abordando aqueles dados e problemas que merecem ser estudados e cujo registro não consta de documentos” (CERVO, 2002, p.79).

Nesse contexto, a presente dissertação insere-se na modalidade de um Estudo de Caso, que “é uma pesquisa sobre um determinado indivíduo, família, grupo ou comunidade para examinar aspectos variados de sua vida”. (CERVO, *op.cit*).

Para a pesquisa de campo, a abordagem metodológica central foi, em um primeiro momento, a observação participante, como estratégia de aproximação e observação do comportamento dos turistas e visitantes e, posteriormente, a aplicação de questionários.

O estudo envolveu 5 (cinco) etapas metodológicas: a) pesquisa bibliográfica e documental, b) contatos institucionais, c) definição e elaboração dos instrumentos de pesquisa, d) definição dos sujeitos de pesquisa e aplicação dos questionários, e) análise dos dados.

III. 1 ETAPAS METODOLÓGICAS

a) Pesquisa bibliográfica e documental:

Para o desenvolvimento desse trabalho de pesquisa, dois eixos teóricos centrais de reflexão foram considerados: 1º - O turista, atraído pelos espaços naturais, na sociedade ocidental contemporânea, tendo como base o pensamento de BAUMAN (1998); IRVING (2002), KINKER (2002) e URRY(1986) e, 2º - A contextualização dos Parques Nacionais no Brasil e sua utilização para os fins turísticos, tendo como área de estudo o Parque Nacional da Tijuca.

b) Contatos institucionais:

Os contatos institucionais foram realizados no período de Janeiro/ 2004 a março de 2005. Foram contactados nessa fase, Sônia Peixoto (Diretora do PNT/ IBAMA); Paulo Gentil (Coordenador do Programa de Ecoturismo, voltado para os visitantes); André Amador (Coordenador do programa de voluntariado do PNT/ IBAMA) e Denise Alves (Coordenadora do programa de educação ambiental do PNT/ IBAMA.).

Os contatos institucionais foram fundamentais para o bom andamento da pesquisa de campo, bem como, para a compreensão de conflitos e desafios relacionados à gestão e estratégias de turismo em um parque nacional urbano.

c) Definição e elaboração dos instrumentos de pesquisa:

Na definição da metodologia de trabalho, o questionário foi considerado o mais adequado instrumento para a coleta de dados, por ser objetivo e necessitar de um tempo menor de aplicação, questão central para a abordagem do turista que visita uma área protegida com tempo limitado de lazer. Segundo DENCKER, os questionários são uma maneira de,

“ (...)obter, de maneira sistemática e ordenada, informações sobre as variáveis que intervêm em uma investigação, em relação a uma população ou amostra determinada. Essas informações dizem respeito, por exemplo, a quem são os turistas, o que fazem e pensam, suas opiniões, sentimentos, esperanças, desejos etc.” (DENCKER, 1998, P.146).

Os questionários foram elaborados, no sentido de levantar as informações sobre o perfil dos turistas e visitantes habituais, o tipo de informações que esses atores sociais recebem e que gostariam de receber sobre o PNT e o ambiente natural que o compõe, suas motivações, expectativas e frustrações com relação ao PNT e demais atividades que realizam em seu tempo livre. Essas questões foram formuladas para a interpretação do perfil psicossocial desses dois grupos focais de análise. (Apêndice -1).

d) Definição dos sujeitos de pesquisa e aplicação dos questionários:

O trabalho visou, a princípio, a investigação de um grupo de análise: os turistas brasileiros que visitavam o PNT; Entretanto, a experiência de campo e a observação participante revelaram que o morador do Rio de Janeiro, também visitante do PNT, possui uma relação muito próxima com o mesmo, e representa também uma parcela significativa dos usuários do PNT. Além disso, pode ser considerado um formador de opinião com relação à conservação da biodiversidade. Assim, este não poderia ser desconsiderado nessa análise. Para efeito do trabalho, portanto, foram identificados dois grupos focais: o turista e o visitante (morador do Rio de Janeiro).

A escolha dos sujeitos de pesquisa foi aleatória, considerando a disposição voluntária dos indivíduos em responderem aos questionários. A delimitação da amostra ocorreu em função da repetição sistemática das mesmas respostas, segundo o “*ponto de saturação*”.²¹ Tal alternativa é utilizada em pesquisas qualitativas, principalmente em se tratando das ciências sociais. Ao todo, foram aplicados 49 (quarenta e nove) questionários, sendo 25 respondidos pelos turistas e 24 respondidos pelos visitantes habituais.

Os questionários foram aplicados durante o mês de março,²² considerando os dias úteis e finais de semana, com exceção dos dias de chuva, visando abranger turistas e visitantes no “Setor A” do Parque, onde estão localizados a Sede Administrativa e o “Centro de Visitantes”.

²¹ DUARTE (2002, p.16), em relação a esse método afirma que, “*Quando já é possível identificar padrões simbólicos, práticas, sistemas classificatórios, categorias de análise da realidade e visões de mundo do universo em questão, e as recorrências atingem o que se convencionou chamar de “ponto de saturação”, dá-se por finalizado o trabalho de campo, sabendo-se que se pode (e deve) voltar para esclarecimentos.*”

e) Análise dos dados:

e.1) Critérios de Segmentação dos dados :

Para a organização das informações obtidas, foram utilizados 2 (dois) critérios , levando-se em consideração as perguntas fechadas e abertas dos questionários.

As perguntas fechadas, que caracterizam o perfil do turista e visitante no universo pesquisado, foram computadas pela freqüência em que cada uma delas surgiu²³. Posteriormente foram elaborados os gráficos indicando o perfil dos dois grupos pesquisados.

Para as perguntas abertas dos questionários, referentes à informação, lazer, motivações e expectativas, pontos positivos e negativos identificados e sugestões, foram criados temas de análise, “*a posteriori*”. As respostas foram identificadas e agrupadas em “subtemas” a partir de sua freqüência.(Apêndice-2)

e.2) Definição dos temas de análise:

A partir da sistematização das informações obtidas através dos questionários, cinco temas centrais foram definidos.

²² O mês de março foi escolhido em função da pesquisa realizada pelo ISER (1998) que traçou o perfil dos visitantes habituais e eventuais do PNT.

²³ Foram analisadas desta maneira as perguntas 1.1, 1.2, 1.5, 1.6, 1.7, 1.8, 2.0.

e.2.1) Perfil dos turistas e visitantes.

O primeiro tema de análise, perfil dos turistas e visitantes do PNT, objetivou identificar: gênero, estado de origem, forma de realização da viagem, escolaridade, faixa-etária, renda familiar e o tempo aproximado de permanência no Parque.²⁴

e.2.2) Divulgação do parque & informações sobre o parque: como chegaram até lá e que tipo de informações gostariam de obter desta visita.

O segundo tema de análise objetivou compreender as informações que os dois grupos possuíam e/ou desejavam possuir sobre o PNT e o ambiente natural que o compõe, bem como, em que medida essas informações influenciaram suas escolhas de lazer e influenciam seus comportamentos²⁵.

e.2.3) Opções de lazer, demais atrativos turísticos do RJ e Parques Nacionais.

O terceiro tema de análise procurou identificar outras preferências de atividades lúdicas, e demais atrativos turísticos da cidade do RJ selecionados e outros Parques Nacionais visitados²⁶.

²⁴ Fizeram parte desse tema às questões: 1.1, 1.2, 1.5, 1.6, 1.7, 1.8, 2.0.

²⁵ Fizeram parte desse temas as questões: 1.9 e 2.8

²⁶ Fizeram parte desse tema as questões: 1.3, 1.4, 2.9.

e.2.4) Motivações e expectativas.

O quarto tema de análise, questão central da pesquisa, investigou as principais motivações e expectativas dos turistas e visitantes do PNT ao escolherem uma área protegida como foco de atração turística, lazer e recreação²⁷.

e.2.5) Aspectos positivos e negativos do PNT e considerações complementares.

O quinto e último tema de análise está relacionado às surpresas, pontos positivos e frustrações do universo pesquisado, bem como, as sugestões que esses sujeitos identificam como ações para a melhoria do Parque Nacional da Tijuca e/ou sua visitação.

III.2 LIMITAÇÕES METODOLÓGICAS DA PESQUISA:

A pesquisa apresentou algumas limitações metodológicas, tais como: a impossibilidade de realização de uma análise estatística com base em uma amostragem mais ampla, uma vez que, foi estimado em 1998 um total de 1.446.095 (um milhão quatrocentos e quarenta mil) visitantes do PNT, anualmente, distribuídos em quatro pontos do PNT; Floresta, Paineiras, Corcovado e Pedra Bonita (ISER, 1998, p.08).

²⁷Fizeram parte desse tema as questões 2.1 e 2.2.

Também não foram incluídos no universo de pesquisa os sujeitos que estavam em grupos acompanhados por guias de turismo²⁸. Esse público apresenta uma particularidade, a indisponibilidade de tempo para participar de pesquisas e respostas aos questionários.

Uma outra limitação decorrente da metodologia utilizada se refere à dificuldade de aprofundamento de questões pontuais para a investigação do perfil psicológico dos turistas e visitantes que buscam as áreas protegidas como foco de atração de visitação, que somente seriam possíveis através de uma entrevista aberta ou semi-estruturada.

Recomenda-se, nesse sentido, a realização de estudos posteriores realizados através de uma parceria consolidada entre o parque, grupos de pesquisadores, as agências e guias de turismo que compreendam as especificidades e a diversidade temática desse universo de pesquisa.

²⁸ Entre os turistas que visitam o parque em grupos fechados e orientados por guias de turismo encontram-se, principalmente, os turistas estrangeiros que em sua maioria optam por essa forma de visitação.

IV-APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS:

“REVELANDO O SUJEITO OCULTO

DA FLORESTA ENCANTADA DATIJUCA”.

Os resultados da pesquisa²⁹ estão apresentados e discutidos a seguir considerando os cinco “temas” que contribuem para “Revelar o Sujeito Oculto da Floresta Encantada da Tijuca”.

IV. 1) PERFIL DOS TURISTAS E VISITANTES.

a) Região de origem.

A região Sudeste destaca-se como um importante pólo emissor, sendo responsável por 13 (treze) indivíduos do total de 25 (vinte e cinco) turistas pesquisados que visitam o Parque Nacional da Tijuca. As regiões Centro-Oeste e Nordeste aparecem em segundo lugar, com 5 (cinco) indivíduos e, a região Sul, em terceiro lugar, com 2 (dois) indivíduos, do total de turistas. Nenhum turista do universo pesquisado provém da região Norte.

Em relação aos Estados de origem, São Paulo e Minas Gerais são os principais pólos emissores, com 11 (onze) indivíduos da totalidade de turistas das cinco regiões. Esses dados parecem corroborar o estudo realizado por KINKER, (2002, *op cit*, p.157)

²⁹ As tabelas com os resultados em valores reais e percentuais estão apresentadas no Apêndice 3.

segundo o qual, a grande maioria dos brasileiros que visitam os parques “vem, em geral, dos Estados onde os parques estão localizados: ou da capital ou de alguma cidade do entorno”.

b) Gênero:

Em relação à distribuição do universo pesquisado dos turistas e visitantes do PNT, 13 (treze) turistas que responderam ao questionário são do sexo masculino e 12 (doze) do sexo feminino, ao passo que, entre os visitantes, não há nenhuma diferença de gênero na amostra pesquisada, 12 (doze) são do sexo masculino e 12 (doze) são do sexo feminino. Desta forma, os grupos podem ser considerados eqüitativos no que se refere ao gênero.

c) Faixa Etária

No que se refere à distribuição por faixa etária, 16 (dezesesseis) turistas estão entre 25 a 44 anos, enquanto apenas 10 (dez) dos visitantes pesquisados encontram-se nesta mesma faixa etária. Encontram-se entre 15 a 24 anos, 5 (cinco) turistas do universo pesquisado e 14 (quatorze) visitantes do universo pesquisado. O público entre 45 a 64 anos e, 0 a 14 anos, aparece em minoria para os dois grupos de análise de pesquisa (turistas e visitantes).

Essa composição etária pode indicar que o Parque parece ser considerado um atrativo turístico e um espaço de lazer, priorizado pelo público jovem e adulto, nos dois grupos pesquisados³⁰.

d) Escolaridade

Quanto à escolaridade, percebe-se que os dois grupos do universo de análise – turistas e visitantes, em sua maioria, possuem nível superior, (21 (vinte e um) turistas e 13 (treze) visitantes), Segundo KADOTA, HADDAD, e RABAHY. (2004:5), é reconhecido que *“as viagens à natureza apresentam evolução na procura à medida que aumenta o grau de escolaridade dos visitantes”* Deve-se ressaltar que, dos dois grupos entrevistados, somente 1 (um) dos visitantes respondeu ter apenas o ensino fundamental.

e) Renda Familiar

Os dados obtidos, referentes à renda familiar, indicam que os turistas e visitantes do universo pesquisado possuem um “alto poder aquisitivo”.

Quase a metade dos turistas pesquisados, 12 (doze) indivíduos possuem renda mensal familiar acima de 15 s.m³¹ e, 10 dos visitantes, encontram-se nessa mesma situação.

³⁰ Deve-se ressaltar que nos dois grupos pesquisados nenhum entrevistado encontrava-se numa faixa etária acima de 65 anos.

³¹ .Para esse estudo foi considerado R\$ 280,00 como base salarial na época da coleta de dados.

Somente 3 (três) turistas e 8 (oito) visitantes responderam ter renda familiar inferior a sete salários mínimos. Deve-se ressaltar que a distribuição dos turistas e visitantes pesquisados por nível de renda mensal familiar parece ser condizente com os dados de escolaridade.

Entretanto, uma inquietação surge desta análise: os Parques Nacionais (e outros espaços naturais relativamente preservados) são mais atraentes para um público com “alto poder aquisitivo”? Ou a visitação a esses espaços, de alguma forma, está “restrita” a uma pequena parcela da população nos países em desenvolvimento?

f) Acompanhantes

No que diz respeito às escolhas referentes aos acompanhantes, 8 (oito) dos turistas são acompanhados por familiares e 8 (oito) por parceiros. Os “amigos”, como companheiros de viagem, representam a preferência de 4 turistas do universo pesquisado.

Ao passo que os visitantes, quase a metade do universo pesquisado, visita o PNT sozinho. Quando o fazem acompanhados, 7 (sete) visitantes tem a companhia de seus parceiros, e somente 3 (três) de seus familiares e amigos.

Um dado interessante emerge deste resultado: o turista não visita o Parque desacompanhado, ao contrário de 11 (onze) visitantes entrevistados. Seria interessante, neste sentido, que uma pesquisa mais aprofundada pudesse ser realizada entre os

“visitantes solitários” no sentido de interpretar suas motivações que provavelmente devem se diferenciar daqueles que buscam o contato com a natureza acompanhados.

Para o turista, o Parque seria considerado “exótico” ou “perigoso” para visitá-lo sozinho? E para o visitante, a proximidade do Parque representaria uma extensão de seus “lares”?

g) Tempo de Permanência

Quanto ao período de permanência no parque, 13 (treze) turistas e 10 (dez) visitantes permanecem no PNT entre uma e duas horas. Este período de tempo parece ser preferencial para a maioria dos turistas e visitantes pesquisados.

Considerando o tempo de permanência acima de três horas, o número dos turistas e visitantes pesquisados se reduz consideravelmente, somente 2 (dois) turistas e 8 visitantes pesquisados permanecem no parque por mais de três horas.

Será que essas informações estariam confirmando, em turistas e visitantes, a “mobilidade” que parece caracterizar o sujeito contemporâneo?

**IV. 2) DIVULGAÇÃO DO PARQUE & INFORMAÇÕES SOBRE O PARQUE:
COMO CHEGARAM ATÉ ALI E QUE TIPO DE INFORMAÇÃO ESPERAVAM OBTER
DESTA VISITA.**

a) Divulgação do Parque.

A maioria dos turistas, 10 (dez) indivíduos, visitou o parque a partir de algum tipo de indicação de amigos e familiares. A segunda fonte de informação para 5 (cinco) turistas originou-se de agências de turismo, guias e *Internet* e apenas 1 (um) turista buscou informação sobre o PNT em revistas especializadas.

Quanto aos visitantes, para a maioria, 12 (doze) indivíduos a ida ao PNT não acontecia pela primeira vez. Neste grupo, “Amigos e familiares” foi a principal fonte de divulgação do Parque para 7 (sete) visitantes entrevistados.

Pode-se inferir, neste sentido, que o maior meio de divulgação do Parque Nacional da Tijuca, ainda é a promoção “boca-a-boca”. Os meios de comunicação especializados emergiram para apenas 1(um) turista como fonte de informação, sendo este meio de comunicação maior para o grupo de visitantes – 5 (cinco) indivíduos. Os meios de comunicação especializados, portanto, parecem não possuir papel relevante na difusão do PNT para o universo pesquisado. Conforme apresentado na tabela (1) a seguir.

Tabela – 1 Divulgação do Parque.

| <i>Subtemas.</i> | <i>Turistas</i> | <i>Visitantes</i> |
|--|-----------------|-------------------|
| | <i>N</i> | <i>N</i> |
| Indicação de amigos e familiares. | 10 | 7 |
| Agências de turismo, guias e Internet. | 5 | 5 |
| Reportagens em tv e revistas especializadas. | 1 | 0 |
| Já conhecia. | 2 | 12 |
| Outros. | 7 | 0 |
| Total | 25 | 24 |

b) Informações que gostariam de receber sobre o Parque:

Apenas 2 (dois) turistas gostariam de receber informações sobre pesquisas e estudos realizados no parque e 12 (doze) consideram as informações que possuem suficientes. Segundo um turista contactado, as “... **placas são bem explicativas**”. No que diz respeito aos visitantes, o resultado é revelador: nenhum dos sujeitos contactados possui interesse em receber informações das pesquisas científicas e estudos realizados no Parque. Segundo o relato de alguns visitantes “... **as informações [que possui] são suficientes**”. Ao que parece, o grupo pesquisado não associa a sua visita à realização e ao conhecimento das pesquisas científicas desenvolvidos no PNT, um dos principais objetivos de criação dos Parques.

Este desinteresse aparente, dos turistas e visitantes entrevistados por informações “científicas”, pode estar associado a um comportamento hedonístico, “permitido”, em tese, aos indivíduos em seus momentos de lazer. Para “eles”, o Parque

parece representar uma das raras oportunidades de se desvencilharem de seus fardos diários.

Por outro lado, a História, Fauna, Flora do Parque despertam o interesse em alguns indivíduos dos dois grupos pesquisados. Os turistas, por exemplo, têm interesse em **“Animais, vegetais, árvores nativas, cursos, palestras, visitas”** e ainda, **“sobre a data da fundação, plantas e animais”**; para um dos visitantes seriam necessárias, **“mais informações sobre a fauna e flora daqui e também sobre a fundação e história do Parque”**.

A localização de atrativos, a natureza local e o possível “desfrute” da mesma, despertam o interesse, dos turistas e dos visitantes, como demonstram alguns extratos dos questionários relacionados abaixo:

“Onde fica uma cachoeira, além daquela próxima à entrada” e, também, **“... os pontos turísticos, grutas, coisas interessantes para a visita”** (Turistas).

“Seria interessante saber sobre a história de como surgiu o parque e também alguns exemplos das espécies mais “badaladas” buscam outras informações como **“Atividades de lazer”** (Visitantes)

Pode-se dizer ainda que, embora não expresse o interesse por informações científicas e estudos realizados no Parque, os turistas e visitantes buscam algum tipo de informação sobre a história, os atrativos naturais e as possibilidades de lazer e entretenimento no PNT, (como apresentado na tabela-2). A experiência no PNT poderia, portanto, ser uma oportunidade para a apreensão de novos conhecimentos

relacionados à conservação e preservação do Parque e de outros ecossistemas, uma vez que esses “atores” são importantes “aliados” para a conservação do meio ambiente.

Tabela 2 – Informações que gostariam de receber sobre o Parque.

| <i>Subtemas</i> | <i>Turistas</i> | <i>Visitantes</i> |
|---|-----------------|-------------------|
| | <i>N</i> | <i>N</i> |
| Fauna e flora da mata atlântica. | 3 | 5 |
| Patrimônio histórico. | 3 | 4 |
| Pesquisas e estudos realizados. | 2 | 0 |
| Programas de lazer voltados para turistas e visitantes. | 2 | 3 |
| Outros. | 3 | 9 |
| Consideram as informações suficientes e/ou nr | 12 | 3 |
| Total. | 25 | 24 |

IV. 3) OPÇÕES DE LAZER, DEMAIS ATRATIVOS TURÍSTICOS DO RJ E PARQUES NACIONAIS.

a) **Visitação a outros Parques:**

Aproximadamente metade dos turistas entrevistados, 12 (doze) indivíduos e metade dos visitantes, 12 (doze) indivíduos, já esteve em outros Parques Nacionais, como apresentado a seguir na tabela 3.

Tabela 3 – Visitação a outros Parques Nacionais.

| <i>Subtemas</i> | <i>Turistas</i> | <i>Visitantes</i> |
|-----------------|-----------------|-------------------|
| | <i>N</i> | <i>N</i> |
| Sim | 12 | 12 |
| Não | 13 | 12 |
| Total | 25 | 24 |

Os Parques mais citados foram: o Parque Nacional de Itatiaia, Pedra Branca e Serra dos Órgãos, todos situados no Estado do Rio de Janeiro. Esta informação mostra que os turistas e visitantes pesquisados parece interessar-se pela visita a Parques, ainda que não busquem informações mais aprofundadas sobre os mesmos, como demonstrado na análise anterior (IV. 2. B).

b) Visitação a Outros Pontos e Atrativos Turísticos no Rio de Janeiro

As áreas naturais são os atrativos turísticos e lugares de visitação preferenciais dos turistas, 17 (dezesete) indivíduos, e dos visitantes, 18 (dezoito) indivíduos que compõem os entrevistados. (tabela 4)

Tabela 4 – Visitação a outros pontos e atrativos turísticos no Rio de Janeiro.

| <i>Subtemas</i> | <i>Turistas</i> | <i>Visitantes</i> |
|-----------------------------|-----------------|-------------------|
| | <i>N</i> | <i>N</i> |
| UC. e outras áreas naturais | 17 | 18 |
| Outros | 6 | 5 |
| Nenhum | 2 | 1 |
| Total | 25 | 24 |

O Jardim Botânico destacou-se como uma das áreas naturais visitadas por turistas e visitantes. Um grande número de turistas e visitantes mencionou “Paineiras, Corcovado e Pedra da Gávea” como “outros” atrativos turísticos para a visitação, revelando um desconhecimento evidente sobre a área e os limites do PNT. Este

resultado se contrapõe diretamente ao que foi apresentado no item 4.2 B, no qual turistas e visitantes parecem indicar já dispor de informações suficientes sobre o PNT. Desta forma, pode-se concluir que, o universo pesquisado no PNT, embora se considere informado sobre essa UC, não possui informações básicas como, por exemplo, a área total de extensão do PNT.

c) Outras atividades de lazer no tempo livre fora do Parque

As principais atividades de lazer praticadas por 13 (treze) turistas e 13 (treze) visitantes no seu tempo livre estão associadas a algum tipo de atividade física, expressos em alguns questionários como, *“ginástica, pedalada e escalada”* e *“surf”*. *“pular de asa delta”*, e o prazer de *“jogar bola, escalada e rapel”* É importante ressaltar ainda que essas atividades físicas mencionadas estão, em geral, associadas à natureza como um “cenário” preferencial.

São ainda mencionadas as atividades culturais, como preferenciais para 7 (sete) dos turistas e 7 (sete) visitantes. Somente 1 (um) turista e 1 (um) visitante que, compõe o universo de pesquisa, privilegia o descanso e a contemplação como possibilidade de lazer em seu tempo livre, como apresentado na tabela (5) a seguir.

Tabela 5 – Outras atividades de lazer no tempo livre fora do Parque.

| <i>Subtemas</i> | <i>Turistas</i> | <i>Visitantes</i> |
|--------------------------|-----------------|-------------------|
| | <i>N</i> | <i>N</i> |
| Atividades físicas. | 13 | 13 |
| Viagens. | 2 | 0 |
| Atividades culturais. | 7 | 7 |
| Descanso e contemplação. | 1 | 1 |
| Outros. | 2 | 3 |
| Total. | 25 | 24 |

IV. 4) MOTIVAÇÕES E EXPECTATIVAS.

A maioria dos turistas do grupo pesquisado, 15 (quinze) turistas, espera conhecer a flora e a fauna da Mata Atlântica, ao passo que, apenas dois dos visitantes são motivados e buscam o Parque visando o conhecimento da fauna e flora da Mata Atlântica. A maior motivação para este grupo pesquisado é o exercício de atividades físicas, o que parece revelar uma diferença significativa entre as motivações e expectativas dos turistas e dos visitantes, neste caso. Esses dados podem ser verificados na tabela (6), apresentada a seguir.

Tabela 6 – Motivações e expectativas dos turistas e visitantes.

| <i>Subtemas</i> | <i>Turistas</i> | <i>Visitantes</i> |
|---|-----------------|-------------------|
| | <i>N</i> | <i>N</i> |
| Contexto urbano da floresta. | 1 | 0 |
| Conhecer a fauna e a flora da Mata Atlântica. | 15 | 2 |
| Repouso e tranquilidade. | 3 | 7 |
| Práticas de esportes associadas ao cenário natural. | 4 | 9 |
| Outras atividades de lazer. | 2 | 6 |
| Total | 25 | 24 |

Enquanto os primeiros parecem buscar o “desconhecido” _ como se verifica na fala de um turista: **“como todos chamam de floresta eu esperava encontrar pequenos bichinhos”**, os visitantes, aparentemente, se interessam pelo Parque para o lazer cotidiano e, a prática de atividades físicas, como **“caminhadas”, “jogging” e “trilhas”**. Desta forma, para estes, o Parque, além de outras possibilidades, se traduz em espaço predominantemente de ação.

Para os turistas, o Parque se destaca como um dos principais atrativos turísticos do Rio de Janeiro por sua riqueza natural e cultural. Para os visitantes, o Parque parece ser considerado como um importante lugar de lazer e desenvolvimento pessoal, principalmente por sua localização em um espaço predominante urbano.

Com relação a repouso, tranquilidade e contemplação da natureza, 3 (três) turistas responderam ser esta uma motivação relevante e, para 7 (sete) visitantes, o PNT representa a possibilidade simbólica de paz em suas visitas. Além disto, questões relacionadas às práticas cotidianas de socialização, como **“namorar”, “encontrar com os amigos”** e **“[se] entreter com a família...”** são motivações determinantes para alguns visitantes.

Estes dados revelam que, para os dois grupos analisados, o Parque possui conotações diferenciadas. O “descobrimento” principalmente com relação à natureza emerge como principal fator de atração para a maioria dos turistas, enquanto para a maioria dos visitantes pesquisados, o Parque é cenário do cotidiano para as atividades

físicas, um espaço de floresta no universo urbano, uma possibilidade de experiências em proximidade com a natureza, em um “espaço protegido”.

IV. 5) ASPECTOS POSITIVOS, NEGATIVOS DO PNT E CONSIDERAÇÕES COMPLEMENTARES.

O valor estético/ paisagístico da natureza foi considerado como o principal ponto positivo do Parque, para 4 (quatro) turistas entrevistados, **“A beleza é incomparável!”** descreve um dos entrevistados. Este também foi um ponto positivo na escolha de 9 (nove) visitantes.

Isto permite inferir que para uma parcela significativa do grupo pesquisado – aqueles que buscam o Parque para a prática de atividades físicas como um “espaço de ação” (constatado na análise anterior), o valor paisagístico é um importante fator para essas atividades, uma contraposição do natural a um ambiente predominantemente urbano - **é difícil encontrar um lugar assim no meio da cidade**”, relata um dos visitantes.

Para 8 (oito) turistas entrevistados, os principais pontos positivos de visita ao PNT são as trilhas, as cachoeiras e o Centro de Visitantes. Esses atrativos turísticos também são considerados importantes para 8 (oito) dos 24 visitantes , como confirma, por exemplo, o depoimento a seguir, **“... Gostei das diferentes trilhas, do verde... Pois não são todos os dias que eu tenho a oportunidade de fazer programas que envolvam esse tipo de atividade”**. Uma associação do esporte à natureza.

Um outro resultado importante emerge com relação à fauna e a flora do Parque. Apenas um turista respondeu que a fauna e flora foram os elementos que mais gostaram em sua visita ao PNT, (Tabela 7).

Tabela 7 – Pontos positivos identificados no PNT.

| <i>Subtemas</i> | <i>Turista</i> | <i>Visitante</i> |
|---|----------------|------------------|
| | <i>N</i> | <i>N</i> |
| Contexto urbano do PNT. | 3 | 1 |
| Fauna e flora da Mata Atlântica. | 2 | 0 |
| Os pontos de atração “turísticos”. | 8 | 8 |
| Paisagem/ Valor estético e tranquilidade. | 4 | 9 |
| Outros. | 8 | 6 |
| Total. | 25 | 24 |

Considerando-se que mais da metade dos turistas entrevistados tinha como principal motivação para visitar o Parque a possibilidade de desfrutar da fauna e da flora local, compreende-se este resultado como uma “reversão de expectativa” ou como “frustração na visita”, segundo o relato de um dos visitantes, **“não gostei de não ter visto os animais, principalmente os pássaros”** (fala de um turista). Um dos entrevistados, neste grupo, chegou a sugerir, **“deveriam trazer mais macacos para o Parque”**.

Tais informações estariam fortalecendo a tese sobre o sentido simbólico que os Parques Nacionais têm para a sociedade contemporânea, às áreas preservadas são, ao que parece, um “mito da natureza intocada”?

Na avaliação de 8 (oito) turistas e 9 (nove) visitantes pesquisados, os pontos negativos da visita não foram identificados, “ **sinceramente não tem o que não gostar no PNT**”³², revela um dos depoimentos.

Ainda assim, a infra-estrutura turística do Parque, especificamente as condições de higiene e manutenção dos banheiros, foi mencionada por 7(sete) turistas e 4 (quatro) visitantes. Vale ressaltar que este foi um dos problemas identificados pela pesquisa “Perfil dos Usuários do Parque Nacional da Tijuca”, em 1998. (ISER, 1998).

As questões de segurança e fiscalização também foram citadas, na avaliação negativa, com uma diferença entre turistas, 4 (quatro), e visitantes, 1 (um) visitante. Segundo o depoimento de um turista, “[**Há uma**] **sensação de pouca segurança, acho que deveria haver mais gente trabalhando, orientando, prestando socorro, etc...**” e ainda, “ **São poucos guardas florestais**”.

No entanto, embora esse seja um dos fatores apontados como negativo por 4 (quatro) dos turistas pesquisados, como demonstra a tabela 15 a seguir, não há evidências, em nenhum dos dois grupos de análise, que comprove qualquer “experiência” com relação à violência vivenciada dentro da área do PNT. Será que a sensação de insegurança não estaria refletindo o imaginário sobre o Rio de Janeiro, amplamente divulgado na mídia ?

³² Relato de um turista.

Tabela 8 – Pontos negativos identificados no PNT.

| <i>subtemas</i> | <i>Turista</i> | <i>Visitante</i> |
|--|----------------|------------------|
| | <i>N</i> | <i>N</i> |
| Segurança. | 4 | 1 |
| Infra –estrutura de apoio ao turista. | 7 | 4 |
| Ausência “aparente” dos animais | 2 | 0 |
| Não tenha nada que eu não tenha gostado. | 8 | 9 |
| Outros. | 4 | 10 |
| Total | 25 | 24 |

Outros depoimentos mencionaram, **“a falta de poda nos mirantes”** e **“os mosquitos, irritantes”**, como pontos negativos. Para um dos turistas, **“ as árvores caídas”** refletem a falta de conservação do Parque. Esses relatos estão parecem confirmar que, para uma parcela desse universo de pesquisa, há uma falta de conhecimento em relação às finalidades e objetivos das Unidades de Conservação, o que fortalece a hipótese de Ceballos-Lascuráin (citado por KINKER, 2002), segundo o qual,

“... A maioria das pessoas que procura um Parque Nacional tem pouca ou nenhuma noção do que seja o sistema de áreas protegidas, do que significa conservação da natureza e qual a sua importância para o planeta, ou mesmo qual o papel do ser humano na natureza. A visita à áreas naturais protegidas é a grande chance de influenciar esse processo de aprendizagem ...” KINKER,(2002, p.76).

No que se refere às sugestões para a melhoria do Parque, os questionários, mencionaram à fiscalização, a segurança, os serviços de apoio ao turista, como: uma **“melhor projeção da área de alimentação”** e **“serviços de acomodações,”** bem como, uma melhor manutenção dos banheiros, como apresentada na tabela 9.

Tabela 9 – Sugestões de melhoria para o Parque.

| <i>Subtemas.</i> | <i>Turistas</i> | <i>Visitantes</i> |
|---------------------------------------|-----------------|-------------------|
| | <i>N</i> | <i>N</i> |
| Serviços de segurança e fiscalização. | 5 | 5 |
| Serviços de limpeza. | 1 | 1 |
| Ações de apoio ao turismo. | 4 | 3 |
| Outros. | 4 | 8 |
| NR | 11 | 7 |
| Total | 25 | 24 |

Essas sugestões parecem ser uma demanda comum para os dois grupos de análise.

V - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora a pesquisa apresente algumas limitações metodológicas, as informações obtidas permitem apontar algumas tendências gerais com relação ao perfil, motivações, expectativas dos turistas e visitantes habituais do Parque Nacional da Tijuca, bem como, algumas recomendações para a Gestão do Parque.

A pesquisa se baseou em um universo de turistas que, em sua maioria, vivem predominantemente na região Sudeste, composto por homens e mulheres, numa faixa etária entre 25 e 44 anos que possuem o 3º grau completo e renda familiar acima de 15 salários-mínimos mensais. O grupo analisado de visitantes se distribuiu igualmente entre homens e mulheres, em sua maioria, numa faixa etária de 15 a 24 anos, escolaridade entre o 2º e o 3º grau completos e, renda familiar também acima de 15 salários mínimos mensais. Retomando a questão relacionada à renda-familiar, o grupo de turistas e visitantes que participaram da pesquisa demonstrou possuir um “alto poder aquisitivo”, as viagens à natureza seria um “turismo de elite” ? Recomenda-se, nesse sentido, um aprofundamento dessa questão através de pesquisas quantitativas que abordem esse tema.

Com relação aos hábitos e atitudes dos entrevistados, tanto os turistas quanto os visitantes permanecem de uma a duas horas no PNT. Estes dados parecem confirmar que a “mobilidade” é uma das características dos sujeitos pós-modernos, na qual, os turistas e os visitantes, ainda que estejam em um “tempo supostamente livre”, não podem se demorar, eles precisam partir, porque há outros atrativos e atividades “interessantes” esperando por eles.

Para BAUMAN (1998), como apresentado no início deste trabalho, os turistas podem ser considerados uma síntese desta sociedade marcada pela “instantaneidade” e “mobilidade, eles não se fixam ao lugar que estão de passagem. Não há “elos” que os prendam ao lugar que visitam, vão e vem conforme as solicitações de suas vontades.

Ainda, com relação às atitudes e comportamentos dos turistas e dos visitantes verificou-se que o primeiro grupo visita o PNT, em geral acompanhado, enquanto o segundo grupo, em sua maioria, visita o Parque sozinho. A questão que emergiu dessa análise procura compreender por quê os turistas não vão ao parque sozinhos, essa postura estaria relacionada às questões de segurança? O visitante, por sua vez, parece ter uma maior familiaridade com o parque, uma extensão de sua casa? Para responder a essas questões, seria necessário a utilização de entrevistas, como um instrumento de coleta de dados, para aprofundar essa questão.

Um dado interessante surgiu no que se refere às informações do Parque. Para os dois grupos analisados, a principal fonte de informação sobre o Parque é oriunda de amigos e familiares. As pesquisas científicas e revistas especializadas não se configuraram uma importante fonte de informação para os dois grupos de análise.

Outro dado importante da pesquisa: os turistas e os visitantes consideraram as informações que possuíam suficientes; porém, foi identificado através da pesquisa, que os dois grupos analisados têm um desconhecimento com relação aos 4 (quatro) setores que fazem parte da área total do PNT e não identificam “Corcovado”, Paineiras, e Pedra da Gávea, como pertencentes à área.

Um dado de pesquisa parece ser revelador: alguns turistas e visitantes acreditam que possuem informações suficientes sobre Parque, mas desconhecem alguns de seus atributos e características. Esta aparente contradição indica um desinteresse dos grupos pesquisados em obter informações, o que pode estar correlacionado com o modo como tradicionalmente essas informações são veiculadas e difundidas.

Uma questão, então, emerge dessa análise: como tornar as informações atraentes no que diz respeito a sustentabilidade do Parque, seu papel como Unidade de Conservação e sua importância para a conservação dos recursos naturais?

Recomenda-se, neste sentido, um estudo sobre a difusão do PNT e a forma como os turistas e visitantes, sujeitos sempre de “malas prontas”, recebem estas informações, objetivando que “eles” possam se tornar aliados numa “rede em defesa desse espaço protegido”.

Outra revelação da pesquisa refere-se às motivações e expectativas de ambos os grupos. Para os turistas, a principal motivação para conhecer o PNT é a descoberta da fauna e da flora, ou seja, o contato próximo com os animais e plantas e, a segunda, a prática de atividades físicas. Este resultado demonstra que, para os turistas, o Parque possui, primordialmente, uma conotação simbólica de reaproximação com a natureza (como se estes não fizessem parte dela). Retomando as análises de Keith Thomas, “... *para os adultos, os Parques Naturais e as áreas preservadas cumprem uma função que não é diferente da que os bichos de pelúcia têm para as crianças; são fantasias que cultuam os valores mediante os quais a sociedade, como um todo, não tem condições de viver.*” (THOMAS, 1933, p. 357)

o que parece confirmar a clássica cisão homem-natureza, conforme também evidenciado por TRANNIN (2005).

“Na medida em que os seres humanos são parte integrante do meio ambiente, e ao mesmo tempo, seres sociais detentores de conhecimentos e valores socialmente produzidos ao longo do processo histórico, pode-se inferir que a dissociação homem-natureza traz consigo conflitos e desafios, como o distanciamento do sujeito contemporâneo das questões ambientais...” (TRANNIN: 2005).

Nesta mesma perspectiva, TRIGUEIRO (2003, p.76) informa que, no Brasil, “Meio ambiente ainda é confundido com fauna e flora, como se fossem sinônimos”. (TRIGUEIRO, 2003:76). Para o autor, *“é grave também a constatação de que a maioria dos brasileiros não se percebe como parte do meio ambiente, normalmente entendido como algo que vem de fora, que não nos inclui”*.

No mesmo tema (motivações e expectativas), para o grupo de visitantes, a principal motivação para a visita à unidade de conservação parece não se relacionar à fauna e flora do Parque e sim ao “desfrute do Parque” como um lugar de realização de atividades físicas com calma e tranqüilidade.

O Parque para os visitantes talvez seja realmente uma espécie de “quintal de casa”. Essa busca, não significa necessariamente que se esteja opondo o natural ao urbano, mas pode apontar, como parecem indicar os resultados de pesquisa, uma complementação, uma composição entre o “urbano e o natural”. Segundo BRUHNS (2002), essa busca exacerbada pela natureza está associada também, entre outros fatores, com o sentimento de abstenção da natureza produzido nas cidades,

“onde o cimento prevaleceu juntamente com todos os desníveis gerados pelo crescimento indiscriminado dos centros urbanos gerando uma série de problemas estressantes como congestionamentos, barulho, poluição do ar, infra-estrutura escassa de abastecimento dentre outros. Desta forma, aqueles sintonizados com a natureza geram movimentos interessantes, provocando inclusive, no próprio espaço urbano, possibilidade de relação com a mesma, através da busca por parques, bosques e similares...”

Compreende-se, através desta pesquisa, que as ações para os dois grupos devem ser planejadas com objetivos secundários diversos, de acordo com os resultados obtidos. Para um grupo (turistas), seria necessário o planejamento de atividades que contemplem um espaço destinado à observação dos animais; para o segundo grupo (os visitantes), é importante que se planejem espaços de lazer associados ao desenvolvimento de atividades físicas.

Retomando os pontos positivos e negativos, apontados pelos turistas e visitantes que participaram desse estudo, ao que tudo indica, esses atores sociais buscam a “**natureza selvagem**” – “**wilderness**” como se quisessem resgatar “algo perdido” e, frustram-se ao se confrontarem com a ausência aparente dos animais.

Ao mesmo tempo em que, os turistas desejam estar perto dos animais, os mesmos querem possibilidades de atividade física, o que aparentemente parece conflitar com a tranquilidade e o silêncio necessários para a observação dos mesmos. Trazendo KRIPPENDORF, (2001:52) “*Os especialistas muitas vezes surpreendem-se com a defasagem que parece existir entre as motivações e o comportamento real do viajante e assim, sem perceberem os turistas vem e vão, muitas vezes migram em*

busca de outros “*paraísos preservados*” em busca do que o seu “olhar urbano” não conseguiu observar.

Desejam um Parque Nacional como um “*mito perdido da natureza intocada*”, mas não o querem “selvagem” de fato, precisam da segurança e da infra-estrutura turística e de lazer adequadas para a sua visitaçãõ.

Finalizando, os dados analisados parecem “revelar” que os turistas e os visitantes **procuram** uma área de proteção integral, **Parques Nacionais**, motivados por uma possibilidade de **re-aproximação da natureza**, entretanto, a maioria pesquisada permanece no Parque por menos de três horas, não podem se demorar nem **pretende se “fixar”**. Isto, que aparentemente poderia significar um não interesse pelo PN, pode, na verdade, estar relacionado à própria característica do sujeito contemporâneo, o flâneur da pós-modernidade como nos aponta Bauman:

“De fato, os turistas que valem o que comem são mestres da arte suprema de misturar os sólidos e desprender o fixo. Antes de mais nada, eles realizam a façanha de não pertencer ao lugar que podem estar visitando: é deles o milagre de estar dentro e fora ao mesmo tempo (...) a pessoa deve poder mudar quando as necessidades a impelem, ou os sonhos o solicitam. A essa aptidão os turistas dão o nome de liberdade, autonomia ou independência”. (BAUMAN, 1998 p. 114).

As revelações de pesquisa com relação ao “Sujeito Oculto da Floresta Encantada da Tijuca”, embora tenham trazido “algumas luzes” sobre o perfil, hábitos, atitudes e motivações dos que “passam” pelo PNT, sejam eles turistas ou visitantes, ao mesmo tempo apontam para uma série de novas possibilidades e desafios, faz-se necessário conhecer suas motivações de forma mais aprofundada; buscar formas mais atraentes de difusão da informação sobre o Parque (com as respectivas questões ambientais correlacionadas), desenvolver programas de interpretação ambiental;

planejar ações de delineamento de espaços no Parque que permitam, tanto o contato mais próximo com a natureza quanto o desenvolvimento de atividades físicas, sempre tendo como premissa central o papel fundamental que o turista e o visitante possuem em um Parque Nacional.

VI. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ABREU, J. “**O Flâneur e a Cidade na Literatura Brasileira: Uma Proposta de uma Literatura Benjaminiana**”. Revista Virtual de Humanidades, n. 10, v. 5, abr./jun.2004. ISSN 1518-3394
- ANSARAH, Marília G. dos Reis. “**Segmentação de Mercado**.” São Paulo: Futura, 1999.
- BAUMAN, Z. “**Turistas e Vagabundos: Os Heróis e Vítimas da Pós-Modernidade**”. In: O Mal Estar da Pós Modernidade, Trad. Mauro Gama, Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998.
- BENI, Mario Carlos. “**Análise Estrutural do Turismo**”. 6. ed. São Paulo: SENAC, 2001.
- BRASIL. Constituição de 1988. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, 1988.
- BRASIL, **Decreto Federal nº 84017**. Aprova o Regulamento dos Parques Nacionais Brasileiros. Brasília, 1979.
- BRASIL. **Lei n. 9.985**, que regulamenta o art.225, § 1º, incisos I, II, III e VII da Constituição Federal, institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza e dá outras providências. Brasília 2000.
- BRUHNS, H. “**Ecoturismo e Caminhada: Na Trilha das Idéias**”. In: Revista Conexões, Campinas: FEF/Unicamp, n.3, dez. 1999.
- BRUNTLAND; Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento “**Nosso Futuro Comum**”. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas 2 ed.,1987.
- CEBALLOS – LASCURÁIN, H. “**Tourism, Ecotourism and Protected Áreas: The State of Nature Based Tourism Around the World and Guidelines for its Development**.” IV World Congress on National Parks and Protected Areas. Gland (Suíça) e Cambridge (Inglaterra): IUCN.
- CERVO, A. L. “**Metodologia Científica**.” 5ª ed. São Paulo-SP: Prentice Hall, 2002.
- COBRA, Marcos. “**Marketing de Serviços: Turismo, Lazer e Negócios**”. 2ªed. São Paulo - SP: Cobra, 2001.
- DENCKER, Ada de Freitas Maneti. “**Métodos e Técnicas de Pesquisa em Turismo**”. São Paulo –SP : Futura, 1998
- DIEGUES, A.C. “**O Mito Moderno da Natureza Intocada**”. São Paulo: Hucitec, 1996.

- DUARTE, R. “ **Pesquisa Qualitativa: Reflexões sobre o Trabalho de Campo**”. Caderno de pesquisa, mar.2002, nº 115, p.139-154.
- DUMAZEDIER, J. “**Sociologia Empírica do Lazer**”. São Paulo-SP: Perspectiva 1979
- EMBRATUR/IBAMA. “**Diretrizes para uma Política Nacional de Ecoturismo**”. Brasília: EMBRATUR 1994.
- IBAMA. “**O Parque é Seu - Como conhecer, usar e cuidar do Parque Nacional da Tijuca**”. Brasília, 1998.
- IRVING, M de A. AZEVEDO, Júlia. “**Turismo o Desafio da Sustentabilidade.**” São Paulo-SP: Futura, 2002.
- ISER - IBAMA. “**O Parque Nacional da Tijuca: Contribuição para a Gestão Compartilhada de uma Unidade de Conservação Urbana**”. Rio de Janeiro – R J, 2000.
- ISER- IBAMA. “**Perfil dos usuários do Parque Nacional da Tijuca**”. Rio de Janeiro – R J, 1998.
- IUCN. “**Parks**”. Suíça: IUCN, v.2, n.3,1991
- KADOTA, D.HADAD, E. RABAHY, W. “**Aspectos do Ecoturismo: Perfil do Turismo Praticado em Parques Nacionais e Áreas Naturais Conservadas.**” In: Turismo em Números. Cadernos de Estatísticas (Separata) Ano-3, ed.35, São Paulo – SP: SINDETUR, 2004, pp 1-8.
- KINKER, S. “**Ecoturismo e Conservação da Natureza em Parques Nacionais**”. São Paulo –SP: Papyrus, 2002. - (Coleção Turismo)
- KRIPPENDORF, Jost. “**A Sociologia do Turismo**” . Rio de Janeiro-RJ: Editora Civilização Brasileira S.A, 2001.
- MASI, D. “**O Ócio Criativo**”. Tradução de Léa Manzi. –4ªed Rio de Janeiro –RJ: Sextante,2000
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE TURISMO. “**Introdução ao Turismo**”. São Paulo: Rocco, 2002
- PACHECO, A.L.C, IRVING, M. “**Turista o Sujeito Oculto da Sustentabilidade**”, 2005 (no prelo)
- SANTOS, D.M. “**Apresentação**”. In: URRY, John. O Olhar Do Turista: Lazer E Viagens Nas Sociedades Contemporâneas. Tradução de Carlos Eugênio Marcondes de Moura – São Paulo- SP: Studio Nobel :SESC, 1996- (coleção megalópolis).
- SANTOS, Milton. “**Pensando o Espaço do Homem**” 2ªed.São Paulo-SP :Hucitec,1986.
- SEATON, A . W . - “**Quality Tourisme Sustained - A Small Island Case From The Shetland**”.41º Congrès De L`Aiest. Atas. Berna, Aiest, 1991.

- SERRANO, Célia. Maria T. “ **A Vida e os Parques: Proteção Ambiental, Turismo e Conflitos de Legitimidade em Unidades de Conservação**” - In: Viagem à Natureza – Turismo, Cultura e Ambiente, Org. por Célia M. Toledo Serrano e Heloísa T. Bruhns -, 2ª Edição, São Paulo –SP, Papyrus, 1997.- (Coleção Turismo)
- SWARBROOKE, J. “**Turismo Sustentável – Conceitos e Impacto Ambiental**”. vol.1. 2ª ed. (Tradução Margarete Dias Pulido). – São Paulo: Aleph, 2000.
- THOMAS, K. “**O Homem e o Mundo Natural: Mudanças de Atitudes em Relação às Plantas e os Animais, 1500-1800**”. Tradução: João Roberto Martins Filho. 4ª ed. São Paulo –SP : Companhia das Letras, 1988.
- TRANNIN, Maria Cecília. “**Mídia, Você É Verde? Uma Investigação sobre a Difusão Das Unidades de Conservação**”. Dissertação de Mestrado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, Programa de Pós Graduação em Estudos Interdisciplinares de Comunidades de Ecologia Social – Instituto de Psicologia - UFRJ, 2005.
- TRIGUEIRO, A. **Meio Ambiente na Idade Mídia**. In TRIGUEIRO, A (org.). Meio Ambiente no Século XXI. Rio de Janeiro - RJ: Sextante, 2003. p.75-79
- URRY, John. “**O Olhar Do Turista: Lazer e Viagens nas Sociedades Contemporâneas.**” Tradução de Carlos Eugênio Marcondes de Moura – São Paulo- SP: Studio Nobel :SESC, 1996- (coleção megalópolis).
- VIEIRA, Ana Cristina P. “**Lazer e Cultura na Floresta da Tijuca – História, Arte, Religião e Literatura. Parque Nacional da Tijuca**”. São Paulo – SP: Makron Books, 2001.
- WALL, G. “**Is Ecotourism Sustainable ?**”. Environmental Management, nº4, vol.21, pp.483-491.